

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“QUE TIRO FOI ESSE?” UM ESTUDO
DIALÓGICO DAS METÁFORAS COTIDIANAS**

LETÍCIA KARINE ALVES DA SILVA



LETÍCIA KARINE ALVES DA SILVA

“QUE TIRO FOI ESSE?” UM ESTUDO DIALÓGICO DAS METÁFORAS
COTIDIANAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

PASSO FUNDO
2024

CIP – Catalogação na Publicação

S586q Silva, Letícia Karine Alves da
“Que tiro foi esse?” [recurso eletrônico] : um estudo dialógico das metáforas cotidianas / Letícia Karine Alves da Silva. – 2024. 1.240 kB ; PDF.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

1. Compreensão na leitura. 2. Metáfora. 3. Dialogismo (Análise literária). 4. Língua portuguesa - semântica.

I. Valério, Patrícia da Silva, orientadora. II. Título.

CDU: 801.73

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“Que tiro foi esse?” Um estudo dialógico das metáforas cotidianas”

Elaborada por

Letícia Karine Alves da Silva.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 11 de setembro de 2024.
Pela Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Patrícia da Silva Valério
Presidente da Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Luciana Maria Crestani
Universidade de Passo Fundo

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

RESUMO

O uso das redes sociais como espaço de interação humana tem se intensificado nos últimos anos, influenciando as percepções coletivas e os discursos públicos. Tais interações refletem questões sociais, culturais e políticas, tornando as plataformas digitais objetos de estudo relevantes para a análise linguística. Assim, tendo como motivação a produção de discursos polêmicos envolvendo metáforas de violência, como "processo ou bala" e "que tiro foi esse", oriundos de dois gêneros discursivos distintos, esta pesquisa elegeu por principal objetivo compreender os efeitos de sentido das metáforas em interações digitais e as dinâmicas de responsividade entre locutores e interlocutores. A pesquisa propôs-se a explorar como as metáforas podem ser empregadas em contextos de violência simbólica e os desafios de interpretar esses enunciados como figuras de linguagem ou ameaças reais. Para responder esse objetivo, foram construídos quatro capítulos. O primeiro buscou uma definição de metáfora a partir de uma perspectiva filosófica, com base em Ricoeur (2000) e de uma perspectiva linguística-cognitivista, a partir de Lakoff e Johnson (1980). O segundo capítulo buscou, com aporte teórico em Bakhtin (2010; 2016) e Volochínov (2018), delinear principais conceitos oriundos da perspectiva de linguagem, com vistas a compreender os efeitos de sentido produzidos pelos comentários de usuários das redes sociais sobre os dois enunciados motivadores. O terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos e o quarto capítulo apresenta as análises de dez comentários, explorando como os usuários das redes sociais interpretam esses discursos, buscando compreender os efeitos de sentido produzidos, a partir da identificação de emprego de metáforas ou de discurso que fazia incitações à violência. A pesquisa realizada revelou que os sentidos atribuídos aos enunciados nas redes sociais são construídos coletivamente, sendo fortemente influenciados por contextos sociais e históricos, refletindo as experiências e intenções de quem os produz e que nem sempre a justificativa de emprego de metáfora se sustenta teoricamente.

Palavras-chave: Metáforas. Interação. Dialogismo. Compreensão responsiva.

ABSTRACT

The use of social networks as platforms for human interaction has intensified in recent years, significantly influencing collective perceptions and public discourses. These interactions reflect various social, cultural, and political issues, making digital platforms important subjects for linguistic analysis. Consequently, this research is motivated by the production of controversial discourses involving metaphors of violence, such as "lawsuit or bullet" and "what shot was that," which emerge from two distinct discursive genres. The main objective of this research is to understand the effects of meaning conveyed by these metaphors in digital interactions, as well as the dynamics of responsiveness between speakers and interlocutors. The study aims to explore how metaphors can be employed in contexts of symbolic violence and to address the challenges of interpreting these statements as figures of speech or real threats. To achieve this objective, four chapters have been constructed. The first chapter seeks to define the concept of metaphor from both a philosophical perspective, drawing on Ricoeur (2000), and from a linguistic-cognitive perspective, referencing Lakoff and Johnson (1980). The second chapter, supported by theoretical frameworks from Bakhtin (2010; 2016) and Volochinov (2018), outlines key concepts arising from a linguistic perspective to better understand the meanings produced by social media users' comments on the two motivating statements. The third chapter describes the methodological procedures employed in the research, while the fourth chapter presents analyses of ten comments, examining how social media users interpret these discourses and exploring the meanings generated through the identification of metaphorical language or discourse that incited violence.

The findings of this research reveal that the meanings attributed to statements on social media are constructed collectively, with strong influences from social and historical contexts. These meanings reflect the experiences and intentions of the individuals who produce them, indicating that the justification for the use of metaphor is not always theoretically grounded.

Keywords: Metaphors. Interaction. Dialogism. Responsive understanding.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Metáfora	28
Figura 2	Mensagem à Livia La Gatto	55
Figura 3	Publicação de Rafaella Brites	59
Figura 4	Interação 1 Thiago Schutz.....	61
Figura 5	Interação 2 Thiago Schutz.....	62
Figura 6	Interação 3 Thiago Schutz	63
Figura 7	Interação 4 Thiago Schutz	64
Figura 8	Interação 5 Thiago Schutz	65
Figura 9	Interação 1 Jojo Todynho	67
Figura 10	Interação 2 Jojo Todynho	68
Figura 11	Interação 3 Jojo Todynho	69
Figura 12	Interação 4 Jojo Todynho	70
Figura 13	Interação 5 Jojo Todynho	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Letra da música Que tiro foi esse	57
Quadro 2	“Bala” no dicionário Michaelis on-line	60
Quadro 3	“Tiro” no dicionário Michaelis on-line	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METÁFORA E IDENTIDADE SEMÂNTICA	12
2.1 A METÁFORA COMO TRANSPOSIÇÃO DO NOME	12
2.2 A METÁFORA COMO BASE DO SISTEMA CONCEPTUAL DA LINGUAGEM	17
3 PROCESSOS COMUNICATIVOS NA INTERAÇÃO VERBAL	29
3.1 AS RELAÇÕES ENTRE GÊNEROS DISCURSIVOS NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS	30
3.2 ENUNCIADO, O LUGAR DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS.....	35
3.3 A INFLUÊNCIA DA ENTONAÇÃO NO SIGNIFICADO	41
3.4 O GÊNERO COMENTÁRIO NAS REDES SOCIAIS	46
4 DE ONDE VEM O TIRO? UMA ANÁLISE SOBRE INTERAÇÕES ON-LINE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	51
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
4.2. DEPOIS DISSO, É PROCESSO OU BALA, VOCÊ ESCOLHE - A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO.....	53
4.3 QUE TIRO FOI ESSE? AS INTERAÇÕES ALÉM DA MÚSICA.....	56
4.4 COMENTÁRIOS E INTERAÇÕES DERIVADOS DE “PROCESSO OU BALA”	60
4.5 AS INTERAÇÕES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA PALAVRA “TIRO”	66
4.6 DISCUSSÃO DA ANÁLISE	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

Acompanhamos, nos últimos anos, a ampliação do uso das redes sociais na internet, esse lugar que se tornou um espaço vital para a comunicação e interação humana, responsável por moldar muitas das percepções coletivas e por influenciar os discursos públicos. As interações que envolvem esse tipo de discurso refletem e refratam pontos de vista sociais, étnicos, religiosos e políticos.

Os espaços virtuais se tornaram um palco para a construção de identidades pessoais e coletivas, pois neles as pessoas se expressam, constroem suas identidades através de um discurso que reflete questões sociais, políticas e culturais. Além disso, também manifestam conflitos e interesses, proporcionando a possibilidade de discutir e analisar fenômenos sociais, contemporâneos e a compreensão da língua e da comunicação. Por isso, as plataformas digitais são de grande interesse para os estudos linguísticos.

Nesse sentido, a popularização das redes sociais ampliou a veiculação dos pontos de vista, levando os usuários a se expressarem publicamente, assumindo (ou não) a responsabilidade pelo que escrevem ou dizem. A recente vigência do Marco Regulatório Civil da internet no Brasil tem contribuído para regular parcialmente o conteúdo das publicações, punindo a prática de crimes, seja com a interrupção temporária da exibição de uma página pessoal ou profissional, seja com o banimento da rede com a exclusão da conta do usuário que infringe as regras ou até mesmo com punições mais severas na esfera civil.

Assim, quando um discurso é denunciado como violento ou caracterizado como infringindo as normas, alguns usuários usam como argumento o emprego da metáfora, buscando, dessa forma, evitar punição civil ou midiática. Não faltam exemplos para isso. São inúmeras as ocorrências veiculadas através das mídias sociais. Entre o “vamos metralhar a petralhada” e o “processo ou bala”, as vítimas vão de mulheres a indivíduos que compartilham de pontos de vista diferentes sobre o mundo.

Aprendemos, com Volóchinov (2018), que o locutor sempre se dirige a um interlocutor - real ou imaginado, presente ou ausente - e que sua fala é povoada de uma intenção, um aspecto semântico-objetal, que representa um direcionamento. Esse direcionamento, por sua vez, guarda estreita relação com o interlocutor, real ou presumido, de quem se espera uma resposta.

Os sujeitos que proferem determinados tipos de discursos nas mídias sociais, quando confrontados sobre o conteúdo de suas falas, costumam justificar-se, usando argumento de que o sentido depreendido pelo interlocutor não era literal, que não era o sentido pretendido e que o uso da palavra ou expressão era simplesmente “uma metáfora”.

O tema escolhido para este estudo é fruto de um interesse pessoal em relação às interações nas redes sociais. Esse interesse surgiu na graduação e foi sendo construído no decorrer da vida acadêmica, tornando-se, primeiramente, tema de monografia e, agora, com uma diferente delimitação, tema de dissertação.

Em 2019, no trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, pesquisamos sobre a relação entre preconceitos e concepções de língua adjacentes de comentários em uma rede social em uma postagem sobre variação linguística. Com aquele trabalho, pudemos relacionar opiniões e perspectivas distintas sobre o que realmente é a língua. Assim, foi possível perceber que os comentários postados por usuários de redes sociais em publicações sobre a língua em uso não continham embasamento científico a respeito de língua, linguagem e variação linguística.

Nesta pesquisa, o objeto de estudo é o uso das metáforas na linguagem cotidiana. A partir disso, podemos observar como os sujeitos constroem sentidos na interação com discursos alheios a partir de suas consciências individuais e de suas vivências. Além disso, importa olhar a linguagem enquanto ato dialógico, como discurso, o qual é moldado pelas experiências e contextos sociais dos falantes.

Os discursos que serão analisados são comentários publicados na rede social Facebook a partir da repercussão de duas manifestações linguístico-discursivas na internet, que geraram muitos comentários e compartilhamentos.

A primeira ocorreu sob forma de ameaça de um influenciador digital a uma atriz que fez uma performance parodiando uma de suas publicações e recebeu uma mensagem privada, que depois se tornou pública. Na mensagem, o coach¹ ordenava à atriz a retirada do vídeo da paródia, sob ameaça de “processo ou bala”. A segunda manifestação discursiva faz uso da expressão “que tiro foi esse” na letra de uma música que fez muito sucesso, um funk, e revelou uma artista negra, gorda e periférica, bem diferente dos padrões físicos anteriormente valorizados socialmente.

¹ Palavra de origem inglesa que se refere a um treinador ou instrutor.

Devido ao fato de os locutores terem usado as palavras “bala”, no enunciado “processo ou bala” e “tiro”, no enunciado “que tiro foi esse” os discursos repercutiram massivamente nas redes sociais. Isso porque, no primeiro, a interlocutora recebeu uma mensagem privada em sua página do *Instagram* e denunciou o discurso entendendo ser uma ameaça. No segundo, por ser uma música, reproduz um barulho de tiro e a coreografia que viralizou na internet simulava a queda de quem é alvejado.

Na busca de uma compreensão que ajude a entender a repercussão dessas interações, o tema desta pesquisa está associado às metáforas e os efeitos de sentido produzidos em diferentes gêneros discursivos. Para isso, analisaremos, inicialmente, os dois enunciados motivadores da investigação: a mensagem inicialmente privada de um influenciador digital a uma atriz e o uso de uma expressão que possui duplo sentido na letra de um funk. O olhar se dirige ao contexto de uso das palavras “tiro” e “bala” em discursos onde o uso da figura de linguagem metafórica nos permite transitar entre os seus diversos significados, bem como compreender as diferentes interpretações recebidas pelo público que reagiu comentando na rede social Facebook .

A expressão “que tiro foi esse” foi reconhecida por boa parte do público como metafórica. Já a mensagem “processo ou bala” foi percebida como uma ameaça, embora tenha sido negada pelo locutor que, diante exposição da mensagem anteriormente privada, justificou ter feito um uso de linguagem figurada. No capítulo 2, aprofundamos essa discussão.

A partir dessa dupla motivação, realizamos investigação que tem como objetivo principal compreender os efeitos de sentido produzidos pelo uso de metáforas em discursos que remetem à violência. Tais efeitos serão observados a partir do gênero comentário na rede social Facebook na intenção de identificar se os enunciados podem ser justificados como metafóricos ou não. Assim, também olharemos para o uso das metáforas sob outros dois gêneros, de onde partem os enunciados motivadores: a letra da música do gênero Funk Carioca e a mensagem privada na rede social *Instagram* para entender os efeitos de sentido nas respostas postadas nos comentários dos usuários da rede social.

Dentre os objetivos específicos, buscamos refletir sobre os conceitos de metáfora que nos permitem compreender como esta contribui na construção de sentidos, assim como investigar e descrever o conceito de enunciado e seus conceitos

adjacentes, visando à compreensão da linguagem como um fenômeno dinâmico, em que o sentido é construído em um contexto social e histórico.

Este estudo insere-se na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF e propõe uma investigação que parte do seguinte problema: Que efeitos de sentido são produzidos pelos interlocutores na interação com dois discursos? Há metáfora nos discursos motivadores da interação? Como se constrói a responsividade nos dois discursos?

Baseada nos pressupostos de Gil (2008), esta pesquisa é de natureza aplicada, pois “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos”, visando conflitos sociais atuais, desenvolvendo e tornando acessível o alcance de compreensão das teorias selecionadas nas áreas do estudo. Sua abordagem é qualitativa, privilegiando a análise de discursos e o estudo de ações sociais. Quanto aos objetivos, é descritiva, se propondo a investigar e descrever objetos e sujeitos a partir de seu horizonte social. Quanto aos procedimentos, é bibliográfica por reunir as informações e dados que servirão de base para a construção e desenvolvimento da investigação proposta a partir do tema da pesquisa.

Este estudo está organizado em quatro capítulos, além desta introdução. O primeiro é um estudo sobre as metáforas; o segundo, sobre enunciado, linguagem, interação e dialogismo; o terceiro, a análise dos discursos selecionados; e, por fim, as considerações finais.

Com objetivo de identificar a função da metáfora no discurso, no primeiro capítulo teórico, retomamos o conceito de metáfora em sua origem, buscando descrevê-la sob uma perspectiva filosófica Ricoeur (2000) e a partir da perspectiva da linguística cognitivista norte-americana Lakoff e Johnson (1980). Também apresentamos considerações a partir dessa dupla perspectiva, buscando refletir sobre como o uso das metáforas, normalmente, desperta experiências compartilhadas socialmente.

No segundo capítulo teórico, buscamos entender a linguagem enquanto realização concreta da comunicação verbal, considerando os sujeitos e o meio social. Os conceitos trazidos nesse capítulo, nos amparam em uma visão ampla acerca dos sentidos do texto e discurso. A partir de Bakhtin (2010, 2016) e Volóchinov (2018) utilizamos o conceito de enunciado e noções adjacentes, com o propósito de

compreender as relações entre os sujeitos que enunciam, entre a palavra e seus possíveis sentidos e sobre como o meio social é parte fundamental da comunicação. Ao fazer uso da teoria bakhtiniana, entendemos que as premissas do autor servirão como base da análise no que tange ao processo da comunicação em suas relações dialógicas e na interação social, assim como sua construção e sua intencionalidade.

No capítulo em que apresentamos nossa análise, iniciamos demonstrando os procedimentos metodológicos que guiaram nossa investigação. Na sequência, esboçamos uma análise do *corpus* selecionado para a pesquisa, em que os discursos selecionados são descritos no processo da interpretação e relacionados com a associação da fundamentação teórica. Nessa parte, buscamos responder à problemática de nosso trabalho, identificando se os enunciados selecionados foram compreendidos como discursos que incitam à violência ou como enunciados metafóricos.

Após apreensão dos pressupostos, os quais já são previamente identificados no estudo das metáforas e do enunciado, partimos para o aprofundamento da análise expondo e relacionando os conhecimentos obtidos. Por fim, no capítulo 5, estão as considerações finais do estudo e, na sequência, as referências usadas para a elaboração da pesquisa.

2 METÁFORA E IDENTIDADE SEMÂNTICA

A metáfora pode ser estudada no escopo de um campo interdisciplinar a partir de diversas perspectivas e abordagens: linguística, filosófica, psicológica, neurocientífica, literária, artística, entre outras. Todas essas possibilidades apontam para a complexidade e o lugar desse tema no campo da linguagem e no pensamento humano.

Neste capítulo, estudamos as potencialidades da linguagem metafórica sob o ponto de vista linguístico-filosófico, com vistas a compreender os efeitos de sentido produzidos pelo uso da linguagem figurada em comentários em uma rede social. Para isso, estudamos a metáfora a partir de duas bases teórico-conceituais: a primeira, a partir de um ponto de vista filosófico clássico, partindo de Aristóteles, ao contemporâneo, com Ricoeur (2000); a segunda, a partir dos estudos linguísticos cognitivos, via sistema conceptual dos autores Lakoff e Johnson (1980).

2.1 A METÁFORA COMO TRANSPOSIÇÃO DO NOME

A obra *A metáfora viva* (2000), de Paul Ricoeur, apresenta estudos oriundos de um seminário que ocorreu na Universidade de Toronto, em 1971, e foram progredindo durante cursos ministrados, posteriormente, em outras universidades. Cada um dos oito estudos que compõem a obra, conforme é prefaciado pelo autor,

[...] desenvolve um ponto de vista determinado e constitui um todo. Ao mesmo tempo, cada um é o segmento de um único itinerário que tem início com a retórica clássica, passa pela semiótica e pela semântica, para alcançar finalmente a hermenêutica. A passagem de uma disciplina a outra segue a das entidades lingüísticas correspondentes: a palavra, a frase e, por fim, o discurso (Ricoeur, 2000, p. 9).

Partindo de Aristóteles, o precursor na discussão sobre as metáforas, Ricoeur (2000) estuda a metáfora sob o nível da palavra. Para tanto, explica que Aristóteles, na *Poética*, define metáfora como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (Aristóteles, 1959, p. 312). Ainda hoje, percebemos que essa noção de metáfora como transposição de significados continua a ser muito utilizada por gramáticos e teóricos da linguagem.

O filósofo Aristóteles tratou de metáforas em seu trabalho retórico e poético, em especial em sua obra *A Retórica*, discutindo as metáforas como figuras de linguagem e estratégias retóricas usadas para tornar a linguagem mais expressiva e persuasiva. Aristóteles viu a metáfora como uma das figuras de linguagem mais importantes e eficazes. Ele descreveu a metáfora como a transferência de um termo de seu contexto original para outro, apoiado na existência de alguma semelhança ou analogia entre eles. Em outras palavras, a metáfora é uma comparação não explícita que aprimora o significado da expressão linguística.

O pensador grego acreditava que as metáforas eram instrumentos persuasivos poderosos na retórica. Assim, ao usar metáforas, os oradores podiam fazer com que seu público visualizasse e entendesse melhor as ideias que estavam apresentando, tornando seu discurso mais cativante e envolvente. O filósofo também destacou a importância das metáforas na poesia, argumentando que o gênero era mais filosófico do que a prosa, em parte porque os poetas frequentemente usavam metáforas para expressar ideias complexas e abstratas de uma forma mais acessível.

Aristóteles enfatizou que o uso adequado e apropriado das metáforas era crucial, porém alertou contra o uso excessivo ou inadequado de metáforas, pois isso poderia tornar o discurso confuso e enfraquecer sua eficácia persuasiva. Por isso, argumentava sobre ser importante equilibrar o uso de metáforas com expressões mais literais e diretas.

Na *Retórica*, Aristóteles (1959) também forneceu orientações sobre como os oradores poderiam escolher as metáforas certas para seus propósitos, observando que as metáforas deveriam ser relevantes para o público-alvo e a mensagem que o orador desejava transmitir. Em resumo, Aristóteles via a metáfora como uma ferramenta retórica importante que poderia enriquecer a linguagem e aumentar a persuasão em discursos e poesia. Dessa forma, suas ideias influenciaram a teoria retórica e a análise literária ao longo da história.

A metáfora aristotélica, então, é entendida a partir dos padrões da palavra, pelos quais se estabelecem principalmente as relações de semelhança. Portanto, utilizar uma metáfora implica empregar um termo em lugar de outro, seja como desvio, como um empréstimo semântico ou como uma substituição. Nesse sentido, quando entendemos a metáfora como figura de linguagem, percebemos que, no que concerne à figura, a metáfora assemelha-se a uma imagem, com significados simbólicos e

descritivos. No que diz respeito a essa aproximação conceitual, Aristóteles (1959, p. 201) afirma que

A imagem é igualmente uma metáfora; entre uma e outra a diferença é pequena. [...] Podemos empregar tôdas estas expressões quer como imagens, quer como metáforas. Tôdas as que saborearmos como metáforas servirão também manifestamente como imagens e as imagens, por sua vez, serão metáforas a que não falta senão uma palavra.

Nos estudos de Ricoeur (2000), entendemos que as metáforas devem ser vistas como ferramentas de compreensão e, por isso, a metáfora estabelecida como transposição do nome é definida por ele como somente nominal. Isso porque o autor (Ricoeur, 2000) considera que uma definição real mostra como a metáfora surge, ponderando para o discurso como um todo e a produção do próprio sentido metafórico. Sendo assim, um exemplo de metáfora nominal seria a expressão "mar de emoções", em que a palavra "mar" do campo semântico do ambiente natural é transferida para o campo semântico das emoções, criando uma nova significação para o termo.

Ao dar continuidade aos estudos da metáfora no nível da palavra, Ricoeur acrescenta um estudo de Fontanier (1821), fundamentado na Teoria dos Tropos, o qual privilegia a metáfora enquanto palavra e como desvio em relação à significação primeira. No modelo tropológico, há uma série de postulados acerca das restrições e extensões do tropo, considerando-o como figura de desvio, assim como a metáfora. É importante ressaltar que a metáfora seria um sentido impróprio que é utilizado sem necessidade. Em outras palavras, mesmo que haja uma palavra "adequada" a ser empregada, opta-se pela metáfora e não lhe acrescenta nenhum dado novo, apenas agindo como uma espécie de ornamento à linguagem.

Ao considerar a metáfora como tropo, surge a problemática de uma redução a um único nível da palavra, mas a abordagem dos tropos como figuras possibilita uma abertura na significação, pois "a figura pode ser indiferentemente referida à palavra, à frase ou aos traços do discurso que exprimem o movimento do sentimento e da paixão" (Ricoeur, 2000, p. 89).

Tanto em Aristóteles (1959) como em Fontanier (1821), a metáfora encontra-se no nível do desvio, vista como uma transgressão de sentido e ultrapassando a denominação substantiva (podendo ser verbal, adjetiva, discursiva, etc.), pois a

relação de semelhança estabelecida pela metáfora ultrapassa o sentido literal e denotativo das palavras.

Cabe, então, que se retome a noção de transgressão de sentido, no entanto, essa precisa ser analisada em seu uso, para definir se o desvio é comum (catacrese) ou inovador (metáfora). Portanto, “é necessário, então, ir da palavra ao discurso, pois apenas as condições próprias ao discurso podem distinguir o tropo-figura do tropo-catacrese e, no tropo-figura, o curso livre do curso forçado” (Ricoeur, 2000, p. 105). Desse modo, Ricoeur (2000) afirma que o tratamento metafórico no nível da palavra, embora criticado, mostra-se necessário à semiologia da significação, mesmo que se apresente apenas como um fragmento do todo discursivo, pois,

[...] a definição real de metáfora em termos de enunciado não pode eliminar a definição nominal em termos de palavra ou de nome, na medida em que a palavra continua a ser a portadora do efeito de sentido metafórico; é da palavra que se diz tomar um sentido metafórico; eis por que a definição de Aristóteles não é abolida por uma teoria que não se refere mais ao lugar da metáfora no discurso, mas ao próprio processo metafórico (Ricoeur, 2000, p. 108).

Posto isso, no discurso, a função da palavra é, também, encarnar a identidade semântica a qual a metáfora diz respeito. Tal função é descrita por Ricoeur (2000) como algo difícil de ser avaliada, sendo necessário que se avalie, então, adiar as tentativas de coordenar uma teoria de substituição e de interação em planos diferentes, com o propósito de uma reflexão sobre a função do nome como um mediador semiótico.

A manutenção da teoria aristotélica acontece, principalmente, por ela representar uma parte do todo, ou seja, o estudo da palavra colabora para os demais estudos, no entanto, a diferença é que não podemos nos restringir apenas ao estudo da palavra, sendo necessário prosseguir nos demais níveis. Por outro lado, a metáfora viva - conceito que Ricoeur (2000) utiliza para descrever a capacidade da linguagem de abrir novos horizontes de significado, é mais dinâmica e complexa, pois a metáfora não é apenas uma substituição, mas um processo de transformação e enriquecimento do significado.

Além disso, Ricoeur (2000) destaca que a metáfora viva não deve ser reduzida a um único enunciado literal, pois, ao invés disso, ela envolve um processo de interpretação que se estende ao longo do texto ou discurso em que a metáfora está sendo utilizada. O autor (Ricoeur, 2000) segue enfatizando que a metáfora viva

permite a abertura de novos horizontes de significado e uma compreensão mais profunda da realidade. Assim, a metáfora não pode ser reduzida a uma simples definição real em termos de enunciado literal, mas sim compreendida como um processo complexo de interpretação e significado, enriquecendo nossa real compreensão. Nesse sentido, o autor consegue ressaltar a importância da hermenêutica na análise da metáfora e, além disso, na compreensão de como as metáforas contribuem para a nossa compreensão do mundo em geral.

Para compreender melhor o funcionamento das metáforas na linguagem e na experiência humana, Ricoeur (2000) desenvolveu suas ideias sobre enunciados metafóricos, argumentando que a metáfora carrega em si dois sentidos, ou seja, uma dupla semântica - um sentido literal (significado convencional) e um sentido figurado (nova significação) - envolvendo a linguagem, ou seja, um "domínio da origem" ou o termo de onde a metáfora é retirada, e um "domínio de chegada" ou o termo para o qual a metáfora é aplicada. Por exemplo, na metáfora "ele é um leão", "leão" é o domínio da origem e "ele" é o domínio de chegada.

No movimento sobre enriquecimento semântico, Ricoeur (2000) argumenta que a metáfora adiciona camadas de significado e complexidade à linguagem. Por isso, a metáfora não apenas compara dois termos, mas também revela conexões e relações entre eles que podem não ser imediatamente evidentes. Ainda, a metáfora pode criar distanciamento e estranhamento, desafiando as suposições e expectativas do leitor ou ouvinte. Isso pode levar a uma reavaliação da realidade e da experiência, promovendo a reflexão e a criatividade.

Dessa forma, o trabalho interpretativo da metáfora envolve a análise e a compreensão de uma metáfora em um contexto literário, poético ou linguístico. A interpretação das metáforas requer um movimento dialético entre os termos da metáfora, explorando as múltiplas possibilidades de significado, fator que é primordial para a compreensão da metáfora.

A metáfora pode ser vista como uma ponte entre a linguagem cotidiana e a linguagem poética, conectando as nossas experiências com nossas expressões. Nessa compreensão, entendemos que ela tem o poder de ligar e o poder de comunicar dimensões intrinsecamente ligadas ao interior do ser humano. Porém, externamente, essas dimensões estão separadas, tanto por modos diferentes de compreender quanto de agir no mundo.

Assim, percebemos que as principais ideias de Ricoeur (2000) sobre enunciados metafóricos revelam que as metáforas desempenham um papel central na linguagem, na interpretação e na compreensão da experiência humana. O autor (Ricoeur, 2000) evidencia a importância da metáfora na obra *Retórica*, de Aristóteles, por se tratar de um componente fundamental da linguagem e do pensamento humano. A associação de significados e as conexões entre diferentes conceitos demonstram que a metáfora não é apenas uma figura retórica, mas uma ferramenta de compreensão de mundo.

Sendo assim, na próxima seção estudamos as metáforas no nível cognitivo e enquanto fenômeno conceitual, sociocultural, linguístico e corporal. A partir dos estudos da Linguística Cognitiva, visamos entender como as metáforas demonstram presença nos nossos pensamentos cotidianos e explorar como nossos processos mentais influenciam nossa linguagem.

2.2 A METÁFORA COMO BASE DO SISTEMA CONCEPTUAL DA LINGUAGEM

A segunda perspectiva que queremos aprofundar sobre a metáfora é derivada da Linguística Cognitiva. Mostraremos, a seguir, que Lakoff e Johnson (1980) defendem que as metáforas são muito mais do que palavras, recursos ou ornamentos. Para eles (Lakoff; Johnson, 1980), há um sistema metafórico que subjaz à linguagem, exercendo influência em nosso pensamento e em nossas ações e, assim, as metáforas estão presentes no nosso dia a dia e infiltradas em nosso cotidiano, nas mais diversas compreensões metafóricas, pois

[...] a metáfora interpenetra a linguagem e o pensamento cotidianos - evidência que não se encaixava em nenhuma teoria contemporânea angloamericana sobre o significado, quer dentro da linguística ou da filosofia. A metáfora tem sido tradicionalmente vista, em ambos os campos, como uma questão de interesse periférico. Compartilhamos a intuição de que é, em vez disso, uma questão central, talvez a chave para a explicação mais adequada da compreensão (Lakoff; Johnson, 1980, p. 7).

Nessa concepção, nosso sistema conceitual - estrutura mental que subjaz à nossa capacidade de compreender e usar a linguagem - teria, fundamentalmente, por natureza a metáfora como base. Para identificar as estruturas das nossas maneiras de perceber, pensar e agir, é necessário usar a linguagem como base de evidência para essas constatações. Em estudos posteriores, Lakoff (1993, p. 209) afirma que

O que constitui a metáfora não é nenhuma palavra ou expressão em particular. É, sim, o mapeamento ontológico que atravessa domínios conceptuais, de um domínio fonte [...] para um domínio alvo [...]. A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e de razão. A língua é secundária. O mapeamento é primário. O mapeamento é convencional, isso quer dizer que ele é uma parte fixa do nosso sistema conceptual [...] se metáforas fossem meramente expressões linguísticas, nós esperaríamos que as expressões linguísticas diferentes fossem metáforas diferentes.

Ao entendermos que as metáforas não são apenas palavras ou expressões isoladas, podemos afirmar que a realidade e a existência de uma metáfora constituem toda a estrutura da linguagem e encontram-se fixadas em nossas operações mentais. Cabe considerar que a metáfora é um mecanismo fundamental da mente, algo tão relevante na nossa comunicação e interação que nos possibilita entender as experiências mais abstratas por intermédio das nossas experiências físicas e sociais.

Conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson (1980), as metáforas podem ser classificadas em três tipos: metáforas estruturais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas. A seguir, apresentamos, de forma sucinta, os três tipos de metáforas identificadas por Lakoff e Johnson (1980).

Inicialmente, a metáfora estrutural (Lakoff; Johnson, 1980) indica que as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas também estruturam nossa compreensão do mundo e nossa forma de pensar sobre ele. Os autores exemplificam o termo “discussão” para se referir à metáfora de guerra e citam outros termos, como “ganhar” ou “perder” uma discussão. Embora não haja uma batalha física, há uma batalha verbal e essa se reflete na estrutura de uma discussão. O conceito metafórico "discussão é guerra" estrutura o que fazemos quando discutimos, ao menos parcialmente, assim como a maneira pela qual compreendemos o que fazemos. A cultura da nossa sociedade permite que compreendamos que os argumentos são como armas de guerra, tornando-se essenciais em discussões, tendo o poder de “destruir”, “derrubar”, “atacar”, “ganhar” e “perder”. Nesse sentido,

A maneira normal de falarmos sobre atacar uma posição é usar as palavras “atacar uma posição.” Nossas maneiras convencionais de falar sobre argumentos pressupõem uma metáfora da qual quase nunca temos consciência. A metáfora não está apenas nas palavras que usamos – está em nosso próprio conceito de argumento. A linguagem do argumento não é poético, fantasioso ou retórico; é literal. Falamos sobre argumentos dessa maneira porque os concebemos dessa maneira - e agimos de acordo com a maneira como os concebemos conceber as coisas (Lakoff; Johnson, 1980, p. 15).

A partir dessa compreensão, percebemos que a metáfora não é apenas uma questão de linguagem ou de meras palavras. Constatamos que, pelo contrário, os processos de pensamento humano são em grande parte metafóricos. Isto é, o que os autores afirmam é que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. Metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente porque existem metáforas no sistema conceptual de uma pessoa. Podemos afirmar que a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra, pois entende-se que a metáfora está presente desde o pensamento até a estrutura da linguagem que usamos, ou seja, ela é a representação do conceito metafórico.

A língua segue uma caracterização, a qual pode ser compreendida como um sistema coerente de conceitos metafóricos e de expressões metafóricas. Nesses sistemas, a caracterização está sujeita à forma como determinados conceitos são valorados de acordo com a cultura de cada grupo social. Um dos exemplos utilizados pelos autores é “tempo é dinheiro” e, através do conceito de trabalho em nossa sociedade, conseguimos relacionar tempo com algo limitado e valioso e, nesse sentido, nossas ações refletem que experienciamos o tempo como algo que pode ser bem ou mal utilizado, poupado ou desperdiçado.

A partir da análise da obra *Metáfora do canal*, de Michael Reddy (1979), Lakoff e Johnson (1980) constatam que sempre há algo encoberto pela metáfora, algo difícil de ser identificado, porém, se olharmos as implicações dessas metáforas, é possível compreendermos os aspectos que ela mascara. Nesse sentido, palavras e sentenças possuem significado em si mesmas, ou seja, independentes de contextos ou falantes. Em contrapartida, haverá também situações em que o contexto seja realmente importante, assim como uma mesma frase pode ter significados diferentes para pessoas diferentes.

Em seguida, as metáforas orientacionais, conforme Lakoff e Johnson, 1980, organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, tendo conformidade com a orientação espacial, como sentido e direção. Aqui, os autores analisam conceitos como “felicidade é para cima”, cuja metáfora está em estrita relação com nossa experiência física e cultural, significando que nosso corpo, nossa postura e como o outro nos vê estão ligados ao nosso bem-estar social e à nossas virtudes. Assim, o

conceito de felicidade faz parte de um sistema conceptual, cujo sentido deriva do seu papel nesse sistema metafórico e coerente.

Por intermédio das bases experienciais, a metáfora pode servir aos propósitos da compreensão e se baseiam em tipos distintos de experiência. A base experiencial é de fundamental importância para que possamos entender os resultados das metáforas que se baseiam em tipos distintos de experiência que não se combinam entre si. Assim, Lakoff e Johnson (1980) citam como exemplo a metáfora “desconhecido é para cima” e “conhecido é para baixo”, em que as bases experienciais dessas metáforas se aproximam daquela da metáfora estrutural “compreender é pegar”, ou seja, eu não consegui pegar a explicação porque não compreendi determinada mensagem. Tudo isso implica no conhecimento de que cada metáfora poderá ter uma base experiencial diferente.

Ao falar sobre metáfora e coerência cultural, os valores fundamentais de uma cultura também serão analisados por Lakoff e Johnson (1980), os quais serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais e enraizados em determinada cultura e na individualidade de cada pessoa. Assim, estes não são independentes, mas formam um sistema de conceitos metafóricos que orientam nossas percepções e vivências cotidianas. A metáfora “mais é para cima” pode ser coerente para um grupo que priorize quantidade e não ser para um subgrupo que considere que menos é melhor. Em outras palavras, cada grupo poderá ter uma prioridade diferente. Por isso, é preciso que os valores sejam coerentes e que cada grupo defina o que é bom e virtuoso para eles de diferentes maneiras.

Na terceira classificação, as metáforas ontológicas nos permitem categorizar e lidar de maneira racional com nossas experiências, como entidades ou substâncias. Assim, nem sempre percebemos as metáforas ontológicas como metáforas, pois esse tipo serve a uma variedade ilimitada de objetivos e especifica diferentes tipos de objetos. Quando falamos, por exemplo, que “o nosso maior inimigo agora é a inflação” a inflação está personificada, o que nos leva a uma metáfora, considerando o dado sentido a fenômenos do mundo em termos humanos. Dessa forma, experiências mentais são concebidas nesse tipo de metáfora, principalmente porque são naturais e onipresentes em nosso pensamento e designam relações em modelos de mente já estabelecidos em nossa cultura pela nossa forma de pensar e agir.

Essas metáforas que nos ajudam a organizar e dar significado às nossas experiências, são denominadas como metáforas conceptuais, e, de acordo com Lakoff

e Johnson (1980), são uma forma de linguagem que parte do pressuposto de que o pensamento humano é, em grande parte, metafórico. Ou seja, os conceitos abstratos são compreendidos e expressos através de metáforas que se baseiam em experiências sensoriais e corporais.

Uma das maneiras que as metáforas conceituais operam é a personificação, de modo que tornamos conceitos abstratos mais concretos e compreensíveis, muitas vezes recorrendo a estruturas mentais baseadas em experiências e ações humanas. Tais fatores nos permitem compreender diversas experiências no que concerne a entidades não-humanas, pois conseguimos, mesmo que no abstrato, dar sentido a fenômenos do mundo. A personificação também é considerada como uma extensão da metáfora ontológica e uma categoria metafórica que cobre grande variedade de metáforas.

Na mesma classificação ontológica, as metáforas de recipiente são partes da metáfora conceptual em que conceitos abstratos são entendidos em termos de um recipiente físico, tendo seus conceitos atrelados ao princípio de zonas territoriais. Nesse caso, entende-se que experimentamos o mundo através da superfície de nossa pele, ou seja, de um mundo fora de nós. Assim, cada pessoa é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação interna. Essa orientação é imposta por nós em nosso meio ambiente natural, mesmo quando não há demarcação física, nos expressamos de forma a sempre representar que estamos dentro ou fora de algo (de algum espaço), demonstrando um instinto de territorialidade e um ato de quantificação. Naturalizamos a expressão “campo visual” porque delimitamos um território definido por até onde conseguimos, de fato, enxergar.

Outro tipo de relação de sentido estabelecida através de figuras de linguagem são as relações metonímicas. Conforme Lakoff e Johnson (1980), a metonímia nos permite usar uma parte, ou algo relacionado, ao objeto/pessoa para representar outra, tendo uma função referencial, o que a diferencia da metáfora, que tem a função primordial de compreensão. Baseados em nossas experiências, os conceitos metonímicos também estruturam nossos pensamentos, atitudes e ações. Para ilustrar esse exemplo, os autores (Lakoff; Johnson, 1980) apresentam diversos modelos, um deles é a metonímia da “parte pelo todo”, quando identificamos e reconhecemos uma pessoa pelo seu rosto, mais do que por sua postura ou demais características. Dessa forma, entendemos que, nesse fenômeno, a parte selecionada falará pelo todo que

estamos enfatizando, ou seja, o falante prioriza uma parte do corpo (rosto) em detrimento de um todo (corpo).

O estudo da metonímia também se faz importante, pois, assim como as metáforas, estão presentes na nossa linguagem quando, por exemplo, imputamos qualidades humanas para coisas que não são humanas. Ainda que essa sirva para os mesmos propósitos da metáfora, nos permite focar especificamente nos aspectos que estão sendo referidos. Assim, os conceitos metonímicos são fundamentais em nossa experiência, envolvendo associações que podem ser físicas ou causais diretas.

Ao estudar esses conceitos trazidos por Lakoff e Johnson (1980), entendemos que o uso de metáforas e metonímias não é aleatório, pois formam sistemas coerentes que permitem nossa compreensão e experiência. Os autores consideram que as três metáforas estruturais racionais – “argumento é guerra”, “trabalho é um recurso” e “tempo é um recurso” - têm uma forte base cultural. Tais metáforas surgiram naturalmente em nossa cultura porque o que elas destacam corresponde ao que vivenciamos coletivamente. Contudo, elas não estão apenas fundamentadas em nosso físico e experiência cultural, pois também influenciam nossa experiência e nossas ações.

Lakoff e Johnson (1980) destacam que nós, seres humanos, com o passar do tempo, desenvolvemos técnicas mais sofisticadas que os animais para conseguirmos o que queremos ou precisamos e, com isso, institucionalizamos nossas lutas de diversas maneiras para evitar o conflito físico. Um dos resultados disso é o que chamamos de discussão verbal, a qual não elimina a representação da batalha de um território para estabelecer e de um território a defender. Nessa batalha, usaremos meios verbais para atacar e, também, para nos defender, considerando que podemos ganhar ou perder. Os argumentos, como táticas, são utilizados, entre muitas estratégias, para intimidar, ameaçar, menosprezar, fugir, desafiar e negociar.

Para ver a diferença entre uma conversa e uma discussão, primeiro precisamos refletir sobre o que significa estar envolvido em uma conversa. Normalmente, entre duas pessoas, uma delas inicia a conversa e elas se revezam para falar sobre alguns tópicos comuns ou sobre um conjunto de tópicos. Portanto, as conversas, geralmente, servem ao propósito de uma interação social educada. Mesmo em um caso simples como uma conversa educada entre duas partes, diversas dimensões da estrutura podem ser vistas, como: participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito. Há muitos detalhes que poderiam ser acrescentados para caracterizar

mais a conversa precisamente, mas estas seis dimensões da estrutura dão os contornos principais do que é comum em conversas típicas.

Nas conversas típicas, os autores explicam que sentimos que estamos em uma discussão quando encontramos nossa própria posição atacada ou quando sentimos necessidade de atacar a posição da outra pessoa. Torna-se uma discussão completa quando os participantes dedicam a maior parte de sua energia de conversação para tentar desacreditar a posição da outra pessoa enquanto mantém a sua. Por isso, entende-se que estar em uma conversa é uma experiência estruturada.

Compreender uma conversa como sendo uma discussão, envolve ser capaz de sobrepor a estrutura multidimensional de parte do conceito “guerra” à estrutura correspondente “conversação”. Essas estruturas multidimensionais caracterizam as gestalts² experienciais, que são formas de organizar experiências em estruturas. Na metáfora “argumento é guerra”, a gestalt para “conversação” é estruturada posteriormente por meio de correspondências com elementos selecionados para a “guerra”. Ou seja, vivenciamos uma conversa como uma discussão quando a estrutura da “guerra” se ajusta às nossas percepções, experiências e ações na conversa.

Ao falar sobre argumento, no geral, as reflexões de Lakoff e Johnson (1980) nos mostram que esse serve ao propósito de compreensão. Sendo assim, nós desenvolvemos a habilidade de construir argumentos quando precisamos mostrar as conexões entre coisas que são óbvias - que consideramos garantidos - e outras coisas que não são óbvias. Assim, nossas ideias constituem o conteúdo do argumento: as coisas que consideramos certas são o ponto de partida do argumento; as coisas que nós queremos mostrar são os objetivos que devemos alcançar.

À medida que avançamos em direção a nossos objetivos, progredimos estabelecendo conexões, que podem ser fortes ou fracas e, também, mais básicas do que outras, da mesma forma que certas ideias serão mais óbvias que outras. Por isso, a qualidade de um argumento dependerá do seu conteúdo, para estabelecer as

² A Gestalt é uma teoria psicológica alemã sobre o fenômeno da percepção visual. Entretanto, é comum vermos associações da palavra Gestalt com sobrenome de algum psicólogo que teria fundado o movimento. Porém na verdade, trata-se de uma palavra de origem alemã que significa forma e figura. Em resumo, significa um padrão, pregnância da forma, pois considera fatores como equilíbrio, clareza e harmonia das formas que vemos. Além disso, contribui para a melhor estruturação dessas imagens em nosso cérebro, por atenderem a padrões de organização desenvolvidos pelo sistema nervoso. Fonte: <https://4ed.cc/gestalt/> Acesso em: 29 out. 2023.

conexões. Em outras palavras, os vários argumentos metafóricos servem ao propósito de fornecer uma compreensão dos diferentes aspectos dos conceitos.

Entendendo que o propósito do argumento é a compreensão, o autor do enunciado será o guia para as coerências metafóricas de direcionamento. Temos, por hábito, considerar argumentos como rasos, sem conteúdo, direto, claro, forte ou fraco. Os tipos de coerência encontrados no uso dessas metáforas fazem parte de sistemas metafóricos inteiros que juntos servem ao propósito complexo de caracterizar o conceito de argumento em todos os seus aspectos, tal como os concebemos. Por isso, as metáforas saem da nossa clareza de experiências delineadas e concretas e nos permitem construir experiências altamente abstratas e conceitos elaborados, como o de um argumento.

Antes de explorar as implicações de suas definições para as metáforas, os autores (Lakoff; Johnson, 1980) olham para duas estratégias principais que linguistas costumavam usar ao tratar das metáforas. Essas duas estratégias são abstração e homonímia. Assim, eles explicitam e nos mostram porque nenhuma delas pode explicar os tipos de fatos que os levaram aos conceitos metafóricos.

A teoria da abstração se mostrou inadequada, pois essa hipótese buscaria um único conceito geral para explicar o uso de determinada metáfora em diferentes sentenças, por exemplo. Sob a proposta de abstração, não existem conceitos metafóricos e, portanto, não há razão para esperar o tipo de sistematicidade que os autores encontraram em suas análises. Nessa teoria, também não é possível explicar as extensões metafóricas, necessárias para fazer conexões entre conceitos ou ideias aparentemente distintas, mas que ampliam o significado de um determinado tema. Por exemplo, a ideia de "tempo como dinheiro", sugerindo que o tempo é um recurso valioso que deve ser usado com sabedoria, assim como o dinheiro.

Ainda, as inadequações da visão da homonímia implicam que essa não seria suficiente para explicar as relações que os autores identificaram em sistemas de conceitos metafóricos, pois consideram como, simplesmente, acidentais todos os fenômenos que foram explicados por eles em termos sistemáticos.

Lakoff e Johnson (1980) explicam que, em geral, filósofos e linguistas não se preocupavam com as mesmas questões às quais eles se dedicavam. Havia uma razão de nenhuma tentativa ser feita para fornecer um relato tão detalhado dos tipos de exemplos que eles discutiram. A razão seria que isso exigia que se abordasse a questão de como compreendemos e entendemos áreas de experiências que não são

bem definidas em seus próprios termos e devem ser apreendidas em termos de outras áreas de experiência.

Assim, vimos, por meio desses estudos, que a metáfora permeia nosso sistema conceptual normal. Muitos dos conceitos que são importantes para nós são abstratos ou não estão claramente delineados em nossa experiência (as emoções, ideias, tempo, etc.), precisamos obter uma compreensão por meio de outros conceitos que entendemos em termos mais claros (orientações espaciais, objetos, etc.). Essa necessidade leva à definição metafórica em nosso sistema conceitual. Percebemos, com os exemplos demonstrados pelos autores, o quanto é extenso o papel que a metáfora desempenha na maneira como funcionamos, na maneira como conceituamos nossa experiência e a maneira como falamos.

A compreensão de um domínio da experiência em termos de outro não acontece em palavras isoladas, mas de todo domínio da experiência. Cada um desses domínios é um todo estruturado dentro de nossa experiência e o produto de nossos corpos, nossas interações com nosso ambiente físico e nossas interações com outras pessoas dentro de nossa cultura, ou seja, são tipos naturais de experiência.

Ao falar sobre as variações sutis que existem no significado, Lakoff e Johnson (1980) refletem sobre o uso da paráfrase e se essa é mesmo possível, assim como as duas frases diferentes podem significar a mesma coisa. Para responder essas perguntas, citam o autor Dwight Bolinger, que passou a maior parte da sua carreira mostrando que isso é praticamente impossível e que qualquer mudança em uma frase - seja uma mudança de palavra, ordem, vocabulário, entonação ou construção gramatical - irá alterar o sentido e o significado da experiência, embora muitas vezes de uma forma sutil. Dessa forma, os autores concluem que a sintaxe não é independente de significado, especialmente em aspectos metafóricos do sistema conceptual.

As metáforas também podem criar significados, mas cada cultura deve fornecer uma forma de lidar com o seu ambiente, resultando na adaptação e na mudança que for apropriada. Além disso, cada cultura deve definir uma realidade social dentro da qual as pessoas têm papéis que fazem sentido para elas e nas formas que podem funcionar socialmente.

A realidade social definida por uma cultura afeta sua concepção da realidade física, pois o que é real para um indivíduo que faz parte de determinada cultura é um produto tanto de sua realidade social quanto da maneira pela qual ele molda sua

experiência do mundo físico. Como grande parte da nossa realidade social é compreendida em termos metafóricos, e desde a nossa concepção do mundo físico é parcialmente metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós.

Novas metáforas podem destacar características de uma realidade e ocultar outras. Ao nos concentrarmos nos aspectos de nossa experiência, veremos as implicações da metáfora como verdadeira, pois

As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode, então, ser um guia para ação futura. Tais ações, naturalmente, serão adaptadas à metáfora. Isso, por seu lado, irá reforçar o poder da metáfora para tornar a experiência coerente. Neste sentido, as metáforas podem ser profecias autorrealizadoras (Lakoff; Johnson, 1980, p. 194).

As metáforas, como vimos, são de natureza conceptual. Elas estão entre nossos principais veículos para a compreensão e desempenham um papel central na construção de realidade social e política. Baseamos nossas ações, tanto físicas quanto sociais, naquilo que consideramos verdadeiro. No geral, a verdade é importante para nós porque tem valor de sobrevivência e nos permite funcionar em nosso mundo. Sendo assim, percebemos várias coisas no mundo natural como entidades, muitas vezes projetando limites e superfícies nas quais não há limites bem definidos ou em superfícies que existem naturalmente.

Na maioria dos casos, o que está em causa não é a verdade ou falsidade de uma metáfora, mas as percepções e inferências que dela decorrem e as ações que são sancionadas por ela. Em todos os aspectos da vida, definimos nossa realidade em termos de metáforas e então passamos a agir de acordo com base nas metáforas. Tiramos conclusões, estabelecemos metas, assumimos compromissos e executamos planos, tudo com base em como estruturamos em parte nossa experiência, consciente e inconscientemente, por meio de metáforas (Lakoff; Johnson, 1980, p. 196).

Entendemos que, no entanto, a metáfora não diz respeito apenas às coisas que podem ser vistas além. Na verdade, só se pode ver além dessas coisas porque usamos outras metáforas da nossa experiência. É como se a capacidade de compreender a experiência final por meio da metáfora fosse um sentido, como ver, tocar ou ouvir com metáforas fornecendo as únicas maneiras de perceber e experimentar grande parte do mundo.

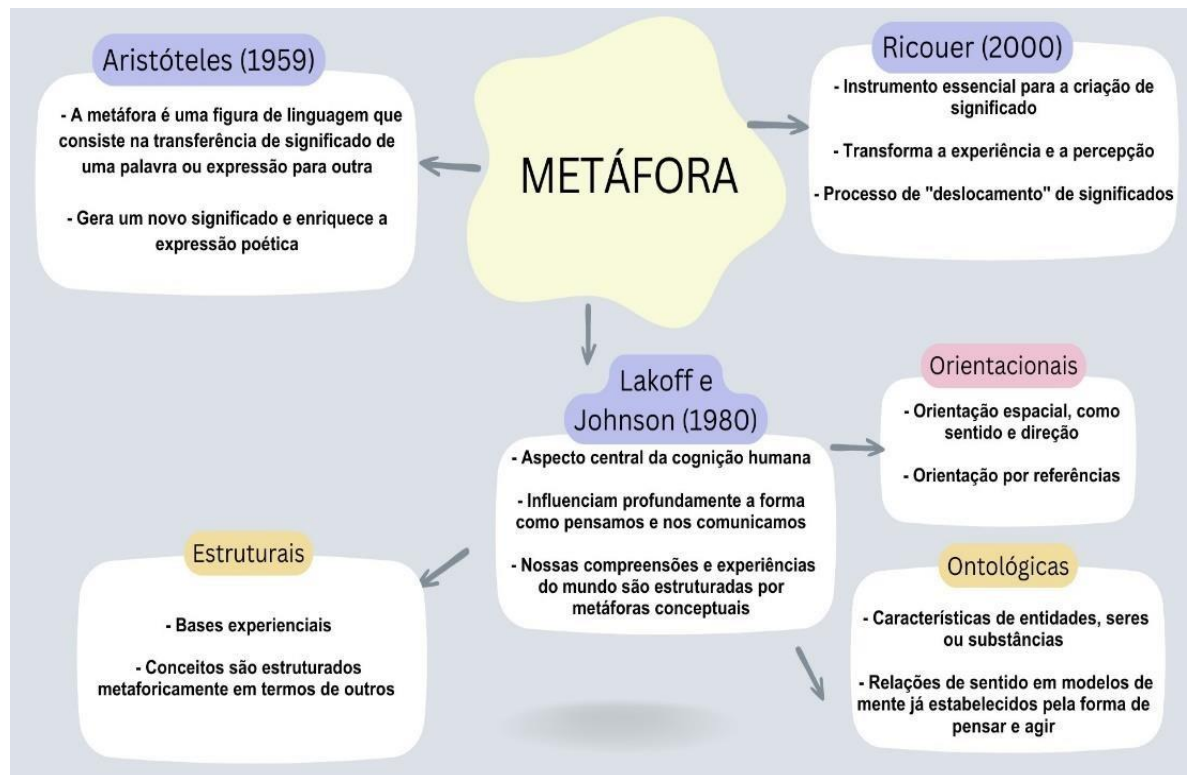
Entender como se estruturam as metáforas nas interações nos comentários nas redes sociais se faz importante para que nossa análise seja pautada em estudos relevantes em nossa cultura e sociedade. Podemos afirmar que, para refletir sobre determinado discurso, principalmente, é preciso entender que na metáfora, descartam-se as características que não são equivalentes e valorizam-se as características em comum, para ressaltá-las, dando ênfase e relevância para um determinado campo semântico.

Para nós, a partir da filosofia, é possível afirmar que as metáforas funcionam como uma forma de expressão poética e persuasiva que permitem transmitir significados mais profundos, que, ao mesmo tempo, criam na mente de quem ouve imagens vívidas e concretas de determinadas situações. Dessa forma, entendemos que, pela linguagem figurada, na comunicação e na arte, as metáforas ajudam na compreensão e podem influenciar decisões e opiniões. Assim, arte e metáfora relacionam-se em um vínculo com a reflexão, emoção e cognição, articulando os sentidos do texto e da composição artística.

As reflexões da Linguística Cognitivista, segunda concepção que guia nossa análise, fundamentam que a metáfora valoriza o papel das experiências culturais, pois a cultura afeta a percepção e a experiência dos sujeitos, criando realidades sociais, destacando características de uma realidade e ocultando outras. Por meio dos estudos a que nos propusemos, inferimos que as metáforas, mais que palavras, estruturam nosso modo de pensar e agir: elas têm o poder de encobrir e recobrir sentidos, alterando até mesmo o próprio processo do pensamento humano. Por isso, analisar a linguagem metafórica é também identificar o seu papel na construção de sentido e na constituição da linguagem, da cognição e do discurso.

Neste capítulo, refletimos sobre a relevância das metáforas nos processos do pensamento humano e sobre como este é estruturado e definido. Os conceitos trazidos para a compreensão das metáforas podem ser representados da seguinte de forma:

Figura 1 - Metáfora



Fonte: elaborada pela pesquisadora (2024)

Os processos sintetizados na figura acima são frutos de experiências, de vivências coletivas e de bases culturais. Por isso, entendemos que processos humanos se organizam de forma metafórica e tudo aquilo que é social, ou seja, compartilhado, desempenha papel fundamental na construção de nossa realidade.

Importantes aspectos das interações verbais também serão trazidos neste estudo, a partir do que se pode depreender no que tange às concepções de linguagem e discurso. Dessa forma, o capítulo a seguir tratará dos processos do discurso e do enunciado como lugar da interação, a partir dos estudos do círculo de Bakhtin.

3 PROCESSOS COMUNICATIVOS NA INTERAÇÃO VERBAL

O discurso é um grande campo de manifestação dos sujeitos. Por isso, a interação pode ser entendida como um mecanismo de plena participação social nos diferentes grupos sociais e em distintos momentos da história. Pela linguagem, expressamos nossas ideias, nossos pensamentos e nossas intenções. A partir da interação com o outro, estabelecemos relações interpessoais e temos o poder de influenciar o outro e alterar suas representações da realidade, suas ações e suas reações, bem como podemos construir diferentes concepções e orientações ideológicas.

Compreender os mecanismos discursivos subjacentes em discursos cotidianos, também nos leva a analisar os processos de comunicação, além do sistema de linguagem, língua e discurso. Nesse contexto, os estudos de Bakhtin são essenciais para a compreensão das relações humanas, não apenas no campo da linguística, mas em diversas áreas das ciências humanas. Sua obra levanta questões relevantes e serve como uma ferramenta teórica e metodológica para questionar e problematizar temas sociais mais amplos.

Na concepção do Círculo de Bakhtin, a linguagem está relacionada ao fenômeno de interação verbal. Podemos considerar que essa interação é realizada por meio da enunciação e constitui a realidade fundamental da língua (Volóchinov, 2018). Neste capítulo, no intuito de compreender a concepção de linguagem do Círculo, consideramos relevante apresentar as principais tendências na compreensão de como se constroem os discursos e na delimitação da linguagem. Apresentamos, a seguir, os conceitos e as ideias principais para nossa análise e estudo, fazendo uso de conceitos que tomamos como importantes.

Dessa forma, as próximas seções tratarão das relações entre os gêneros do discurso e seus respectivos sentidos, das relações de alteridade no discurso, do enunciado como lugar da interação e de resposta e de como a entonação influencia no significado de cada discurso.

3.1 AS RELAÇÕES ENTRE GÊNEROS DISCURSIVOS NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

O uso da linguagem, na obra *Os gêneros do discurso*, de Mikhail Bakhtin (2016), é compreendido como o campo central da atividade humana. Nesse estudo, o autor trata da dificuldade em estabelecer critérios para afirmar que determinado enunciado é um gênero discursivo. Para ele (Bakhtin, 2016), tanto o caráter quanto a forma demonstram a multiformidade do uso da língua, efetuando-se em forma de enunciados. Os gêneros do discurso são definidos por Bakhtin (2016, p. 12) como “tipos relativamente estáveis de enunciado”, também podendo ser entendidos como as situações típicas da comunicação social e os padrões comunicativos que regulam a linguagem e que constituem acontecimentos sociológicos.

Com base nesse estudo, entendemos que, ao empregarmos a língua, em forma de enunciados, elementos composicionais serão refletidos no que se entende como gêneros do discurso. No conjunto do enunciado, três elementos se juntam indissolúvelmente: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Resumidamente, o conteúdo temático é aquilo sobre o que fala determinado texto, o estilo são as escolhas do falante (formas lexicais, gramaticais e fraseológicas) e a construção composicional é a estrutura geral do texto.

Tais elementos se influenciam mutuamente na criação do repertório dos gêneros do discurso, pois o conteúdo temático influencia as escolhas estilísticas e composicionais, o estilo é determinado pelo conteúdo e pela forma de expressão, e a construção composicional é moldada tanto pelo conteúdo quanto pelo estilo. Ainda que cada enunciado particular seja individual, para cada campo de utilização da língua serão elaborados diferentes gêneros do discurso. Dessa forma, cada campo de utilização da língua demonstra as inesgotáveis possibilidades da atividade humana e a heterogeneidade dos gêneros orais e escritos.

Considerando as múltiplas formas do uso da linguagem e as finalidades do campo a ser referido em cada enunciado, Bakhtin (2016) evidencia a construção composicional que, além do conteúdo e todos os demais recursos da língua, reflete condições específicas de determinado campo da atividade humana.

Sendo assim, Bakhtin (2016) destaca que não há um único plano no estudo dos gêneros cotidianos, em decorrência de sua multiplicidade e explica que isto se deve ao fato de as questões dos gêneros discursivos nunca terem sido verdadeiramente colocadas e não terem sido consideradas relevantes quanto às

questões gerais de cada enunciado, tanto nas obras literárias quanto na linguística. Por isso, o autor (Bakhtin, 2016) ressalta que definir a natureza geral do enunciado revela determinada dificuldade, principalmente, pelo fato da extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos ser minimizada.

Atentar para os gêneros, percebendo uma diferença, que Bakhtin (2016) toma como imensa e essencial entre os gêneros primários e os gêneros secundários é, sobretudo, analisar profundamente as duas modalidades, suas relações mútuas e seu processo de formação histórica. Isto significa que, para a análise de enunciados concretos, enquanto material linguístico, a natureza desses enunciados deve ser descoberta e definida, aproximando e abrangendo suas facetas mais importantes.

A noção mais precisa da natureza do enunciado e suas particularidades é, conforme Bakhtin (2016), uma condição essencial para qualquer corrente dos estudos linguísticos. Assim, se não conhecemos as peculiaridades das diversidades dos tipos de enunciado, estaremos abstraído, de forma exagerada, as relações da vida com a língua. Para isso, o autor (Bakhtin, 2016) examina os campos e os problemas da linguística a partir da ideia de que o enunciado é um núcleo problemático e de importância excepcional.

O autor (Bakhtin, 2016) inicia o exame dos campos do uso da língua refletindo sobre a estilística. Indissolúvelmente ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso, o estilo reflete a individualidade do falante, seja nos textos orais ou escritos. Em qualquer campo da comunicação, os enunciados são individuais e podem revelar estilos individuais, embora alguns não sejam tão propícios ao reflexo da individualidade do falante, presentes em gêneros padronizados como os documentos oficiais, por exemplo.

É nas relações de reciprocidade com a língua nacional que o estilo individual se encontra. A língua nacional se materializa no enunciado nas esferas da atividade humana e da comunicação de forma individual. Ou seja, estilo e gênero se revelam na linguagem através de cada campo específico, gerando determinados gêneros. Assim, “o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (Bakhtin, 2016, p. 18) e é modulado em cada tipo de gênero.

Bakhtin (2016, p. 20) explicita que os gêneros discursivos “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Qualquer fenômeno novo, seja fonético, léxico ou gramatical, para se integrar ao sistema da língua precisa ser experimentado e elaborado nos gêneros e estilos. A linguagem

literária, por sua vez, é um sistema composto por esses estilos de linguagem em constante transformação. O peso específico de cada estilo e a maneira como eles se relacionam dentro desse sistema também estão em constante mudança. Isso significa que as formas de se expressar na literatura estão sempre se atualizando e se reinventando, refletindo as mudanças culturais, sociais e históricas que ocorrem ao longo do tempo. O filósofo (Bakhtin, 2016, p. 20) entende que

As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissoluvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. A linguagem literária é um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem; o peso específico desses estilos e sua inter-relação no sistema da linguagem literária estão em mudança permanente.

Nesse sentido, percebemos a estreita relação entre a evolução dos estilos de linguagem e dos gêneros do discurso ao longo da história. Os estilos de linguagem, que são as características particulares de como uma pessoa se expressa, estão sempre se modificando e se adaptando, assim como os gêneros do discurso. Portanto, cada gênero refere-se a um tipo de texto, com suas próprias convenções e finalidades. Por isso, o autor se refere à ideia de que o estilo de um texto está diretamente relacionado ao gênero a que ele pertence. O estilo de um texto é influenciado pelas características do gênero em que está inserido, e sua passagem de um gênero para outro pode modificar completamente sua forma e conteúdo.

Nosso estudo sobre comentários veiculados nas redes sociais, como veremos adiante, foi motivado por dois enunciados de gêneros diferentes. O primeiro faz parte do gênero musical *Funk Carioca*, originado a partir de 1980, sendo uma mistura de características de outros gêneros, como das batidas eletrônicas do *hip-hop*, da poesia do *rap* e de batidas repetitivas com a melodia de DJ's. A música "Que tiro foi esse", de Jojo Todynho, como as demais músicas do mesmo gênero, representa a expressão cultural e social das favelas e periferias do Rio de Janeiro. O vocabulário contido nas canções desse gênero está diretamente relacionado ao estilo de vida e às experiências dos jovens que são oriundos do contexto periférico, refletindo a vida cotidiana desse grupo social. Por esses motivos, sabemos, há, muitas vezes, preconceito de classe e racismo, quando se trata do *Funk Carioca* como gênero brasileiro, principalmente, por ser originário de um território marginalizado, como as favelas, e por ser cantado majoritariamente por jovens pretos e pobres. Apesar das diversas barreiras sociais, a partir dos anos 2000, o *Funk Carioca* se tornou conhecido

fora das favelas com a popularização dos bailes na televisão brasileira. Um dos responsáveis por essa popularização foi a produtora Furacão 2000, que também lançou a cantora Anitta, conhecida fora do Brasil por ter conseguido levar sua turnê “Baile *Funk Experience*” a diversos países e por receber o prêmio VMA (*Video Music Awards*) com o videoclipe de “*Funk Rave*”.

O segundo enunciado motivador surge de um texto midiático, e, apesar de ter sido escrito na intenção de ser uma mensagem pessoal e privada, por se tratar de uma mensagem virtual, acabou possibilitando o compartilhamento da tela, bem como sua veiculação na mídia. Tais gêneros, configurados a partir da internet, são facilmente identificáveis pela forma como são produzidos e distribuídos, influenciando diretamente a maneira como as pessoas consomem as informações que estão contidas neles. No caso do excerto que retomaremos posteriormente “Processo ou bala”, temos a possibilidade de analisar além do que determinados recursos midiáticos permitiriam, pois mais do que circula nesse âmbito, queremos refletir sobre o próprio discurso e os sentidos que lhe cabem.

O *Funk Carioca* certamente não é o mesmo *Funk* que surgiu no sul dos Estados Unidos e que foi criado em comunidades afro-americanas na década de 1960 e o texto midiático também terá sua variação de acordo com o veículo de comunicação em questão e o contexto em que está inserido. Bakhtin (2016) enfatiza que a mudança de estilo ao passar de um gênero para outro não só altera a maneira como o texto é apresentado, mas também pode resultar na destruição ou renovação do próprio gênero. Isso significa que a transição de estilo de um gênero para outro não é apenas uma mudança estilística superficial, mas pode ter um impacto significativo na estrutura e na concepção do gênero em questão. O autor (Bakhtin, 2016, p. 21) explica que “[...] onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”.

Dessa forma, a maneira como usamos a língua não é apenas uma questão de correção gramatical, mas sim uma manifestação de nossa identidade e expressão individual “porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (Bakhtin, 2016, p. 22). Em outras palavras, cada construção linguística utilizada por um indivíduo carrega consigo uma carga semântica e estilística própria, influenciando a forma como a mensagem é recebida e interpretada pelo interlocutor.

No *Funk Carioca*, o estilo refletido na letra das músicas expressa tudo que pode ser vivido e experienciado em sociedade, muitas vezes em seu lado negativo como temas de violência, sexo, drogas e tudo mais que puder ser associado ao cotidiano das favelas do Rio de Janeiro. Por outro lado, os textos midiáticos, postados em redes sociais, são personalizados de acordo com o público-alvo. Geralmente, são curtos e diretos, utilizando uma linguagem casual, o mais próximo possível da cotidiana, permitindo maior interação entre os participantes e usuários dessas redes.

Para nós, entender os gêneros a partir de Bakhtin (2016) é reconhecer que todo gênero tem um destinatário que o molda, assim como o estilo também é moldado. Compreender essa abordagem dialógica é aceitar que a linguagem é concretizada nos gêneros discursivos, o que contribui na construção de sentidos no processo de interação. Por isso, usaremos essa concepção para identificar os gêneros nos enunciados que selecionamos para nossa análise, reafirmando que cada interação discursiva revela suas próprias características com finalidades específicas em cada esfera da atividade humana.

Em relação ao destinatário, na letra da música que inspirou o tema desta pesquisa, depreendemos que seja o público que já aprecia o estilo do gênero *Funk* e as vivências ali descritas. Por se tratar de um estilo de música segregado, ou seja, no sentido que não circula em qualquer ambiente como uma livre forma de expressão artística, não pode ser entendido como uma mensagem que serve a qualquer pessoa de qualquer grupo social.

Quanto ao segundo gênero que motivou o tema desta pesquisa, a resposta, enviada de forma privada, em uma provável ameaça publicada no *direct* do Instagram, certamente o destinatário, inicialmente, foi quem recebeu essa mensagem, no caso, uma mulher, a atriz Lívia La Gatto. Já no momento em que essa mensagem se torna pública, o destinatário passa a ser ampliado, atingindo também um público maior. Assim, cada pessoa que tiver acesso a tal mensagem, fará suas próprias assimilações de sentido e significado.

Seguimos, na próxima seção, refletindo sobre o lugar do enunciado e como esse se estabelece como ferramenta de compreensão da linguagem humana. Ao entender que o enunciado pode ser influenciado pelas diferentes vozes e perspectivas presentes no discurso, cabe compreender quais fatores fazem parte dessa construção, enfatizando a importância do diálogo e da interação entre diferentes vozes e perspectivas no processo de criação de significado.

3.2 ENUNCIADO, O LUGAR DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS

Sabemos que as palavras e as frases que utilizamos sempre carregam consigo a influência de outras vozes, outras perspectivas e outras formas de interação. A escolha do repertório linguístico, ou seja, a escolha das palavras que proferimos ao outro, nunca é algo aleatório ou inconsequente. A linguagem é social, portanto, sempre dirigida a alguém e permeada pelas mais diversas práticas discursivas. A

partir de Bakhtin (2010), entendemos que a linguagem possibilita ao homem representar sua realidade social e física, ao mesmo tempo que conserva um vínculo estreito com o pensamento, possibilitando as relações e as interações interpessoais.

O discurso, como manifestação da linguagem, é uma forma de ação interindividual. Assim, torna-se um processo de interlocução, realizando-se nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade em cada momento da sua história. O discurso, segundo Bakhtin (2010), é construído e moldado pelas interações entre os indivíduos e pelos contextos socioculturais em que ocorre, sendo sempre dialógico, ou seja, está sempre em relação com outros discursos anteriores e futuros.

A concepção de linguagem, em Volóchinov (2018), também se fundamenta em um caráter dialógico. Para o autor, todo enunciado faz parte de um diálogo, ou seja, de um processo de comunicação ininterrupto. Assim,

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo (Volóchinov, 2018, p. 219).

Percebemos que aquilo que é dialógico adentra a palavra de forma ampla, contudo, não apenas a palavra, mas tudo que pode ser caracterizado como linguagem. Independentemente do tipo de comunicação, não é só a língua que comunica, o que significa que aspectos diversos, como culturais, visuais e artísticos também dialogam entre si, pois todo discurso carrega consigo a influência de discursos anteriores e a expectativa de discursos futuros, formando um diálogo contínuo. Ou seja, o sentido de um texto é construído a partir do diálogo entre diferentes vozes e perspectivas, assim como das interações sociais e culturais em que esse discurso está inserido.

Tendo como pressuposto a alteridade na constituição do enunciado concreto, do sujeito e do sentido em seus embates dialógicos, nos estudos bakhtinianos percebemos o enfoque ao ato ético, responsivo e responsável. Isso nos permite ressaltar o encontro entre sujeitos como condição da unidade de sentido do ato. Assim, implica lembrarmos que o enunciado concreto prevê o encontro entre subjetividades que, na produção de sentidos, objetivam-se responsivamente em determinada materialidade discursiva. Partindo disso, a seguir, apontamos as relações entre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin, visando dar relevância ao encontro com o outro na constituição de subjetividades e de sentidos no discurso.

Bakhtin (2016) argumentou que o enunciado é um lugar de alteridade, ou seja, um espaço onde diferentes vozes e pontos de vista se encontram e se entrelaçam. Para ele (Bakhtin, 2016), o enunciado não é uma simples combinação de palavras ou frases, mas sim um ato de comunicação que envolve a interação entre o locutor e o interlocutor. Dessa forma, o enunciado torna-se um fenômeno dinâmico e dialogal, em que diferentes perspectivas se confrontam e se entrelaçam, criando um espaço de interação e negociação de significados. Com isso, a interpretação de um enunciado não pode ser reduzida a um único ponto de vista, pois ele traz consigo múltiplas vozes e significados que refletem a diversidade e a complexidade da vida humana.

Nos discursos motivadores de nossa pesquisa, podemos compreender que os efeitos de sentidos produzidos em cada enunciado se entrelaçam, principalmente, ao serem recebidos por diferentes perspectivas, como aquelas em que o destinatário vai sendo alterado, conforme circula em cada meio social, através da música ou do texto midiático. Por isso, a interação faz com que a negociação de significados não se limite a uma única perspectiva. Dessa forma, é preciso que se identifique a alteridade presente em cada perspectiva e quais sentidos são produzidos em meio à diversidade de vozes.

Ao enfatizar a importância da noção de alteridade no processo de criação verbal, Bakhtin (2016) argumenta que é por meio da interação e do diálogo que os enunciados adquirem significado e se tornam pontos de encontro entre diferentes experiências e visões de mundo. Para ele (Bakhtin, 2016), a multiplicidade de vozes presentes nos enunciados é fundamental para a emergência de novos significados e a ampliação da compreensão humana. As situações reais de comunicação criam

realidades concretas a partir de cada enunciado individual. Cada sujeito experiencia a palavra do outro em um contínuo processo de assimilação porque

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação - mais ou menos criador - das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vario de alteridade ou assimilabilidade, de um grau vario de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (Bakhtin, 2016, p. 54).

Portanto, ao nos depararmos com o discurso alheio, em uma situação indireta, onde não fazemos parte da interação, percebemos que, qualquer enunciado, nos suscita respostas. Cada interação acaba inserindo a esse enunciado novos sujeitos e é a partir dessas relações que vemos a alternância dos sentidos, pois tudo que expressamos é pleno da palavra do outro.

Desse modo, a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a "palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada (Bakhtin, 2016, p. 55).

Tendo em vista os enunciados que serão analisados no capítulo seguinte, entendemos que tanto a palavra "bala", presente em uma mensagem privada e on-line, quanto a palavra "tiro", que constitui a letra de uma música, suscitam respostas a depender de cada interação e possuem destinatários distintos (previstos e não previstos). Por exemplo, no caso da música, quando ouvida por alguém que não faz parte da comunidade a que se refere, pode ser entendida como algo negativo por ter em sua composição palavras que remetem à violência.

Bakhtin (2010) define a língua como um sistema de signos histórico e social. Esse sistema possibilita ao homem representar o mundo e a sua realidade. Ao aprendermos sobre a língua, aprenderemos, inevitavelmente, os seus significados culturais e os modos pelos quais as pessoas de um determinado horizonte social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. Bakhtin (2010) buscava mostrar as determinações ideológicas neste complexo fenômeno que é a linguagem,

analisando como ela veicula a ideologia. O autor (Bakhtin, 2010, p. 209), em suas palavras, defende que

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas.

Por isso, ao afirmar que a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas, entendemos que a interação é uma produção de ordem social, portanto, ideológica. Bakhtin (2010) vê na interação a realidade da língua e sua estrutura como algo social e ideológico e os signos linguísticos retratam essas ideologias. Sendo assim, o conjunto de signos de um grupo social constitui o que Bakhtin (2010) chama de universo de signos. Em outras palavras, além do sentido físico-material e sócio-histórico, o signo recebe significações de um dado sujeito, o que determina sua realidade e torna o signo ideológico. Então, a comunicação é o lugar onde o signo se materializa e isso acontece na interação verbal, ao constituir a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico.

Ao concebermos o dialogismo em Bakhtin (2010), entendemos que as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados sempre levarão em consideração o discurso de outrem, que também está presente no seu. Dessa forma, todo discurso é ocupado pelo discurso alheio. Esse pensamento bakhtiniano nos ampara nas diversas reflexões pertinentes à sociedade atual, pois a partir desses estudos, se percebe que há um caráter interativo e privilegiado da linguagem e do discurso, entendidos a partir de sua natureza cultural e sócio-histórica.

A partir da visão bakhtiniana, sabemos que a palavra é enunciada por um sujeito sempre situado no tempo, no espaço e envolto numa situação contextual. Sendo esse sujeito, também, o mobilizador da palavra, sempre a projetando a outrem e esperando uma resposta que seja ativa e responsiva. Para Bakhtin e o Círculo, quando mobilizamos a língua, trazemos, nesse movimento, determinados valores e posições. Desse modo, nos posicionamos e mostramos quem somos por meio da linguagem.

Ao analisar as obras de Dostoiévski, Bakhtin (2010) explica que, em seus estudos, os aspectos que a linguística da época acabou por abstrair são os que de fato lhe interessam e lhe são primordiais. Portanto, o autor (Bakhtin, 2010) explica que

suas análises não são apenas linguísticas, mas metalinguísticas, pois, apesar de considerar importantes os estudos já realizados, seria necessário ultrapassar os limites estabelecidos até então pela linguística, estudando a língua sob um diferente ângulo. Assim, para olhar a língua mobilizada enquanto posição de um sujeito que revela suas verdades, faz-se necessário a análise da língua em sua integridade concreta e viva. O ângulo dialógico e as relações dialógicas tornam-se objetos da metalinguística, principalmente, porque

[...] é precisamente esse ângulo dialógico que não pode ser estabelecido por meio de critérios genuinamente linguísticos, porque as relações dialógicas, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente linguístico do seu estudo. As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística (Bakhtin, 2010, p. 208).

Portanto, para o autor (Bakhtin, 2010), não há possibilidade de olhar para a linguística sem considerar o discurso. Importa olhar além do que a linguística pode oferecer, considerando aspectos que não são possíveis de diferenciar na análise linguística em sua forma pura, como do uso monológico e do polifônico, por exemplo. Bakhtin (2010) considera que a linguagem só pode ser analisada em sentido amplo, entendendo que a representação literária de cada discurso - seja do personagem, autor ou narrador - está relacionada a outros sujeitos que receberão esses enunciados e estabelecerão as relações dialógicas. Ainda que em nossa análise o foco não seja o texto literário, as reflexões de Bakhtin (2010), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, nos amparam ao pensarmos sobre o discurso cotidiano, uma vez que, para ele, todo texto é signo e fenômeno sociocultural.

Infere-se, então, que é autor o sujeito que produz o discurso, que enuncia em diferentes contextos, que mobiliza diferentes gêneros nas mais diversas esferas. O autor é, em essência, sujeito dialógico, de modo que vive envolto de diferentes vozes sociais com as quais conversa, diverge e adquire valores. Por isso, o Bakhtin (2010, p. 209) considera que

[...] as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.

Entendemos, assim, que essas relações se estabelecem no discurso e seus estudos na metalinguística, possuindo objetivos e metas próprias. Por isso, as análises de Bakhtin (2010), situadas no campo da metalinguística, ultrapassam os limites da linguística. Cabe ressaltar que tanto a linguística quanto a metalinguística estudam o mesmo fenômeno concreto - o discurso - sob diferentes aspectos e pontos de vista, portanto, devem completar um ao outro e não se fundir.

Segundo Bakhtin (2010), importa ver a língua como um modo de expressão valorativo, pois o autor do enunciado mobiliza a língua para mostrar seus posicionamentos. A palavra, tomada como discurso, é um todo significante, sendo signo da posição semântica do outro e se chocando dialogicamente com a voz desse outro.

As relações dialógicas são de extrema relevância para nosso estudo, principalmente, porque é através da linguagem que expressamos nossas ideias, nossos pensamentos e nossas intenções. A partir da interação com o outro, estabelecemos relações interpessoais, anteriormente inexistentes, e temos o poder de influenciar o outro, alterando suas representações da realidade, suas ações e suas reações, assim como podemos construir diferentes concepções e orientações ideológicas. Podemos observar a presença de uma interatividade e uma posição especial da linguagem e do discurso, compreendidos a partir de sua origem cultural e histórica. Ao mesmo tempo, as ideias presentes em cada discurso estão subentendidas na sua elaboração e as metáforas influenciam o modo de pensar e agir do indivíduo que se expressa.

Por intermédio dos estudos de Bakhtin (2010), entendemos que a linguagem possibilita ao homem representar sua realidade social e física, ao mesmo tempo que conserva um vínculo estreito com o pensamento, possibilitando as relações e as interações interpessoais. O discurso, como manifestação da linguagem, é uma forma de ação interindividual. Assim, torna-se um processo de interlocução, realizando-se nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade em cada momento da história.

3.3 A INFLUÊNCIA DA ENTONAÇÃO NO SIGNIFICADO

A forma com que nos relacionamos com os enunciados alheios sempre demonstra e expressa uma entonação. Quando trazemos a palavra do outro, nos relacionamos emocionalmente com essas palavras. Conforme Bakhtin (2016), a entonação expressiva refere-se à forma como a linguagem é usada de maneira criativa e individual, muitas vezes incorporando elementos emocionais e estilísticos únicos. A entonação expressiva está intimamente ligada à ideia de polifonia, ou seja, a multiplicidade de vozes e perspectivas presentes em um texto. Através da entonação expressiva, o autor pode transmitir suas próprias emoções, opiniões e pontos de vista de maneira vívida e impactante.

Na comunicação discursiva, a palavra se transforma em palavra própria quando o locutor a utiliza de acordo com sua intenção, assimilando-a, reelaborando-a e a reacentuando de forma a expressar sua posição responsiva. É a experiência discursiva individual do falante, sempre valorizada em relação aos enunciados dos outros, que contribui para o desenvolvimento dessa palavra própria. De acordo com o filósofo russo (Bakhtin, 2016), essa experiência está sempre conectada aos enunciados dos outros, os quais, mesmo sendo ditos em outros contextos, influenciam e moldam o discurso responsivo do indivíduo. Bakhtin (2016, p. 53, grifo do autor) afirma que

[...] Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra **alheia** dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a **minha** palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.

Como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém, os significados são assegurados em uma compreensão mútua, ou seja, para toda palavra há uma significação comum que serve a todos os falantes. Como palavra alheia, a palavra recebe a voz do outro, sua perspectiva, sua opinião e sua visão de mundo. Já a palavra enquanto minha, revela a minha expressão na palavra e as condições da situação real em que eu estou inserida. Assim, um processo de assimilação se dá no enunciado, quando experienciamos o discurso e desenvolvemos a interação, considerando o outro em um grau vários de alteridade e uma posição valorativa determinada.

Bakhtin (2016) afirma que é impossível existir um enunciado neutro, pois a palavra carece da expressividade. A palavra em si mesmo é neutra e não tem valor, sendo apenas um recurso linguístico, mas no enunciado concreto torna-se expressão valorativa do falante que a utiliza. Por isso, não cabe avaliar apenas o significado comum e isolado de uma palavra como unidade da língua, pois é no enunciado real que seu significado real se constrói.

Volóchinov (2018) defende que a entonação não deve ser subestimada na análise do discurso verbal, pois ela desempenha um papel significativo na forma como as palavras são interpretadas e compreendidas pelo interlocutor. Em sua integridade, a avaliação social determina a escolha da palavra, sua entonação e seu lugar. Na fala cotidiana, cada entonação soa como uma possibilidade. Isso significa que esta não é apenas um som ou uma nuance da voz humana, nela, há uma complexidade e riqueza social, pois desempenha funções lexicais e morfológicas, sendo elemento inseparável da comunicação.

A análise das vozes presentes em um texto, da interação entre essas vozes e do efeito de polifonia gerado por essa interação, assim como a interpretação e compreensão adequada dos enunciados são objetivos primordiais em nossa pesquisa. O estudo da entonação nos permite uma análise mais profunda da linguagem como fenômeno social e contribui para uma melhor compreensão da comunicação humana em sua complexidade e diversidade.

Na sequência de seus estudos, Volóchinov (2018), ao refletir sobre interação discursiva, explica que o enunciado se forma na relação entre dois indivíduos socialmente organizados, com isso, cada falante é um representante médio do grupo a que pertence e a palavra

[...] é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.) [...] (Volóchinov, 2018, p. 204-205).

Por isso, aqui nos cabe retomar a premissa de que a comunicação não pode ser entendida como um processo individual, mas sim como um ato coletivo, no qual as palavras são moldadas e ganham significado através da interação social. É através do interlocutor que os sentidos se constituem, ou seja, a comunicação é um ato conjunto em que falante e ouvinte contribuem na construção do sentido.

No que tange ao ambiente da interação, relacionado ao uso de determinada palavra em um enunciado e seus possíveis sentidos, o autor (Volóchinov, 2018, p. 206) afirma que “a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado”, bem como, “ele é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado”. Tal fato revela uma espécie de obrigação para que o enunciado soe de um jeito e não de outro. Ao falar sobre o signo “fome”, por exemplo, Volóchinov (2018) exemplifica que as vivências e as formas ideológicas se manifestam de maneiras diversas dando, nesses contextos, os tons do enunciado. Dessa forma,

Todos os tipos de vivências que tiveram suas principais entonações analisadas por nós carregam imagens e formas correspondentes de enunciados possíveis. A situação social sempre determina qual será a imagem, a metáfora e a forma de enunciar a fome que pode se desenvolver a partir de dada direção entonacional da vivência (Volóchinov, 2018, p. 210).

Mesmo que as vivências sejam individuais, elas são orientadas por vivências sociais, pois o valor vem de fora, da situação exterior. A estrutura do enunciado, que expressa a vivência, é uma estrutura social. Por isso, pode-se afirmar que o enunciado estará sempre inserido em um contexto social, cultural e ideológico, influenciando e sendo influenciado por diversas práticas discursivas e normas linguísticas. É por meio dele que identificamos valores, crenças e normas de uma sociedade, o que contribui para a construção da identidade individual e coletiva dos falantes.

Os aspectos extraverbiais que envolvem e constituem uma situação comunicativa definem o tema do enunciado. Esse tema expressa tudo que está envolto socialmente, como sua situação histórica, por exemplo. Junto ao tema, é necessário que a significação esteja a ele atrelado, pois, através da significação, dá-se sentido e importância ao tema que está sendo abordado, tornando-o compreensível e acessível ao interlocutor. Em síntese, o tema é algo indivisível, enquanto a significação se decompõe de acordo com elementos linguísticos do enunciado.

A palavra precisa ser elemento do tema, sendo primordial para que consigamos entender e interpretar as informações que nos são transmitidas de forma eficiente. Portanto,

O tema do enunciado “Que horas são?” é singular e, tomado em uma ligação estreita com a situação histórica concreta, não pode ser subdividido em seus elementos linguísticos. Obviamente, a significação do enunciado “Que horas são?” é a mesma em todas as situações históricas em que é proferido, sendo

composta pelas significações das palavras, das formas da sua ligação morfológica e sintática, da entonação interrogativa etc. (Volóchinov, 2018, p. 229).

Basicamente, não há como mostrar a significação de uma palavra isolada sem que ela seja elemento do tema, deste modo, Volóchinov (2018, p. 229) afirma que “Não há tema sem significação, como não há significação sem tema.” Isto é, na conexão desses dois conceitos existem fatores estáveis que sustentam o sentido, fazendo com que um dependa do outro na construção do enunciado. A significação está intrinsecamente ligada à situação concreta em que ocorre. No entanto, não é fixa ou imutável, mas sim suscetível a alterações de acordo com as mudanças na situação e da coletividade. Toda compreensão é ativa e responsiva, pois

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão (Volóchinov, 2018, p. 232).

Em outras palavras, toda compreensão é dialógica. Isso quer dizer que a significação não pertence à palavra isolada. É por isso que afirmamos que a significação acontece somente no processo de uma compreensão ativa e responsiva. Assim, a multiplicidade de vozes e discursos presentes em qualquer situação de comunicação são primordiais, posto que

A significação é um efeito de interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro. É uma faísca elétrica surgida apenas durante o contato de dois polos opostos. Quem ignora o tema, acessível apenas a uma compreensão ativa e responsiva, e tenta, na definição da significação da palavra, aproximar-se ao seu limite inferior, estável e idêntico, na verdade quer acender uma lâmpada desligando-a da corrente elétrica. Apenas a corrente da comunicação discursiva atribui à palavra a luz de sua significação (Volóchinov, 2018, p. 232-233).

A significação não pode ser atribuída a nada que não seja no efeito da interação entre o falante e o ouvinte. Portanto, podemos sustentar que toda compreensão é considerada dialógica porque ocorre dentro de um contexto de interação, bem como cada voz dentro do diálogo está em constante relação e resposta às vozes das outras pessoas.

O problema da inter-relação entre avaliação e significação é abordado pelo autor como um dos problemas mais importantes da ciência das significações. Cada

enunciado revela um valor, isto é, uma avaliação social e, portanto, não há palavra sem uma ênfase de valor. É em razão disso que uma palavra é o apoio para entonação, revelando a avaliação dos falantes.

De acordo com as ideias do Círculo de Bakhtin, há sempre um elo ideológico nos discursos que vão sendo construídos nas nossas interações sociais. Assim, esses discursos constituem-se como uma réplica ativa a discursos anteriores e a discursos futuros, resultando na compreensão responsiva nos processos interativos. Nesse sentido,

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta real e em voz alta (Bakhtin, 2016, p. 25).

No entanto, a resposta ao enunciado pode não ser fato sucessivo ao discurso proferido, uma vez que a atitude responsiva pode acontecer como uma compreensão responsiva silenciosa de efeito retardado. Nessa concepção, a compreensão responsiva não acontece imediatamente, pois se atualiza posteriormente à fala, aos atos e em outras situações da comunicação. Cabe aqui reconhecer que o enunciado tem, em sua estrutura, um início e um fim absoluto - o que vem antes são as palavras de outro e, em seu fim, o enunciado responsivo de outro.

A partir dessas reflexões, inferimos que a compreensão responsiva é um processo ativo e dinâmico. Nesse processo, os indivíduos precisam se envolver ativamente com o discurso, interpretando-o e respondendo-o a partir de sua própria posição e contexto cultural. Fica claro, para nós, que a compreensão responsiva implica em uma abordagem dialógica, em que o significado e a interpretação de um texto se constroem em conjunto, por meio da interação entre locutor e interlocutor.

Refletir acerca de conceitos que envolvem o uso da língua e como os processos sociais influenciam nas relações de interação discursiva, tem extrema relevância em nosso estudo. A partir do que apresentamos neste capítulo, conseguimos afirmar que uso da língua é essencialmente dialógico e necessita sempre ser analisado através da interação, lugar onde nascem os enunciados. Nesse sentido, é primordial em nossa análise considerar tudo que envolve os indivíduos que

integram a situação de comunicação, como o momento historicamente determinado, e os fatores expressivos e ideológicos de quem comunica.

Em resumo, entendemos que, na perspectiva dialógica bakhtiniana, a análise da interação entre palavras e enunciados deve considerar a situação concreta em que são utilizadas e a participação ativa dos interlocutores na comunicação. Também se torna imprescindível que levemos em conta a compreensão responsiva presente em cada enunciado produzido durante o diálogo, pois em um contexto discursivo, cada palavra representa uma resposta e uma posição tomada, contribuindo para a constituição autoral de um enunciado específico, singular e único. De outro modo, cada experiência discursiva individual do falante é determinada pelo contexto único de cada enunciado.

3.4 O GÊNERO COMENTÁRIO NAS REDES SOCIAIS

Nesta seção, tratamos do gênero comentário, pois analisaremos os comentários de duas páginas no Facebook que trazem os conteúdos dos enunciados já mencionados anteriormente e que nos permitem olhar para as reações de usuários dessa rede social. Isso porque, nesse ambiente, as relações e os modos de interação podem variar e gerar uma cadeia de participação coletiva, incluindo diferentes culturas, concepções de mundo e outras características sociais.

Considerando o que já foi apresentado sobre dialogismo e interação, a partir de Bakhtin (2016), podemos afirmar que os comentários das redes sociais são gêneros discursivos, pois os enunciados ali reproduzidos pressupõem a voz do outro no discurso. Isso ratifica a compreensão de que as práticas sociais tornam a língua um lugar de interação.

Do que já foi descrito sobre os motivadores dessa pesquisa, o gênero comentário norteia nossas compreensões de linguagem, pois o utilizamos como materialização do enunciado de um sujeito social, que tem suas próprias concepções de mundo, formadas além das vivências virtuais. Nesse sentido, cada resposta, que externaliza uma opinião, através de cada comentário, atende a uma determinada avaliação social, moldando sentidos e construindo significados.

Diante disso, é preciso reconhecer que esse gênero discursivo tem como característica estar associado a atividades que acontecem no meio digital, permitindo que diversos temas sejam compartilhados e possibilitando a comunicação em uma

realidade virtual. No site Facebook, além das páginas pessoais, que podem ser utilizadas de forma privada e com diferentes propósitos, existem outras distintas intencionalidades, podendo ser profissionais e de entretenimento, por exemplo. Para tratar do gênero comentário, Santos (2018, p. 43) explica

Assim, o *site* Facebook pode ser reconhecido não apenas como um ambiente virtual, mas também como um suporte de gêneros digitais. Já os perfis pessoais ou públicos dos usuários são gêneros discursivos digitais que carregam uma multiplicidade de gêneros, um deles é o gênero digital comentário.

Então, em toda essa multiplicidade, o gênero comentário constitui-se como objeto de reflexão no que diz respeito à linguagem e, sobretudo, no que entendemos serem valorações apreciativas expressas por cada indivíduo que utiliza essa ferramenta de comunicação para validar suas opiniões.

Ressaltamos que as postagens, independentemente do conteúdo, geram reações e provocam interações entre os usuários da rede. Os participantes dessas interações respondem digitalmente a partir de uma estrutura textual breve, curta e de uma linguagem direta. Além de textos, em algumas redes, nas reações podem ser utilizadas imagens, vídeos e *gifs*. A linguagem usada em comentários costuma ser informal e coloquial, refletindo a natureza descontraída das redes sociais, incluindo o uso de gírias, abreviações e *emojis*. Além disso, os comentários refletem a subjetividade de cada indivíduo que se expressa, buscando uma avaliação social através das curtidas e respostas.

Nessas relações, percebemos, conforme Santos (2018, p. 39), que “as práticas sociais presentes no ambiente virtual da Internet explicitam o quanto se complexificou o campo da comunicação”. Ou seja, as interações e comportamentos sociais que ocorrem na internet revelam como a comunicação se tornou mais complexa e multifacetada. Assim, as maneiras de se comunicar foram ampliadas e diversificadas, incluindo novas formas de interação, como redes sociais, *blogs*, videoconferências e outros meios digitais.

Essas práticas sociais exigem uma compreensão mais profunda das dinâmicas de comunicação, que não se restringem apenas à transmissão de informações, mas também envolvem aspectos como identidade, cultura, relacionamento e poder. Para isso, as reflexões de Santos (2018) sobre o gênero digital nos ajudam a compreender

as relações linguístico-discursivas do gênero comentário no Facebook. A pesquisadora (Santos, 2018, p. 46) aponta que,

Entretanto, é importante ressaltar que o gênero discursivo digital comentário não é, especificamente, uma conversação, pois, não é um gênero que se realiza nas mesmas circunstâncias da conversação oral. O comentário é um gênero que se realiza virtualmente. É interessante observar que é possível ocorrer entre os comentários trocas de turnos, tanto de modo síncrono quanto assíncrono, o assemelha o gênero com o *Chat*. A possibilidade da troca de turnos está atrelada aos propósitos comunicativos dos interactantes. A troca de turno é mais um aspecto que confirma o comentário como gênero discursivo.

Por isso, a maneira como as pessoas alternam seus turnos de fala em uma conversa on-line, assim como a troca interativa de mensagens e a alternância entre os sujeitos, serve como um indicador ou evidência de que o comentário é considerado um gênero discursivo. Em outras palavras, a dinâmica de como os participantes de uma conversa se comunicam e se revezam para falar - quando uma pessoa faz um comentário e a outra responde - é uma característica que ajuda a caracterizar o comentário como um tipo específico de discurso. Portanto, a forma como o comentário é feito e respondido é importante para entender sua função e lugar dentro da interação.

Nas redes sociais como o Facebook, a visibilidade das postagens permite que os usuários leiam e compartilhem informações de forma conjunta, criando uma experiência de troca e discussão coletiva. Segundo Santos (2018, p. 46), isso acontece porque

Os textos dos comentários ficam expostos para a leitura dos interactantes, o que permite o entretenimento da informação de maneira coletiva. Relembro, ainda, que sua estrutura composicional é híbrida e se apresenta textualmente, em linguagem verbal, não verbal e sonoro [...].

Em outras palavras, esse gênero tem a capacidade de destacar uma natureza colaborativa e interativa da comunicação on-line, pois nela as opiniões e informações dos usuários contribuem para um diálogo mais abrangente e plural. No caso do presente estudo, a partir desse gênero, buscaremos obter essas informações do que cada indivíduo entende sobre os sentidos metafóricos e se realmente existe a possibilidade dessas compreensões nos enunciados cujas construções foram contestadas, debatidas ou aceitas.

Assim, a seguir, buscamos dispor dez comentários advindos da rede social Facebook, no intuito de identificar quais os sentidos concebidos em cada discurso, se aprovam ou refutam as estratégias discursivas dos locutores, com base na definição de metáfora e dos conceitos adjacentes do dialogismo trazidos nos capítulos anteriores.

Primeiro, apresentaremos a análise de cinco comentários oriundos da publicação da notícia “Fala Brasil: Humorista denuncia influenciador após ameaças”, postada no Facebook. Em seguida, analisaremos cinco comentários do vídeo intitulado: Jojo Todynho desabafa sobre polêmica com sua música “Que Tiro Foi Esse?”, também postado na rede social Facebook.

Justificamos a escolha dos comentários selecionados em razão da observação de que estes confirmavam ou refutavam o sentido metafórico e da ocorrência de tentativas de deslocamento de sentido nas palavras “tiro” ou “bala”, pois cada indivíduo que se posicionou contra ou favor em relação à justificativa de um sentido não literal de tais palavras apropriou-se de argumentos para que pudessem ser compreendidos e validados diante das demais opiniões. Com isso, tornam-se possíveis de serem analisados pelo viés do que trouxemos como base teórica nas categorias de: interação, alteridade, compreensão responsiva e entonação.

Vemos, a partir dos cinco comentários selecionados na página Fala Brasil do Facebook, como o sentido da palavra “bala” foi concebido, e a qual contexto caberia o deslocamento no sentido de ameaça denunciado por Lívia La Gatto.

Pressupondo que as metáforas estão presentes nos comentários que selecionamos, tanto para elucidar as próprias opiniões de quem comenta quanto para apoiar ou refutar os sentidos construídos, olharemos para as metáforas enquanto conexão entre expressão e experiência, pois de acordo com Ricoeur (2000, p. 66), entendemos que

Certos nomes pertencem propriamente a certos conjuntos de coisas (classes e espécies); pode-se chamar sentido próprio ao sentido desses termos. Por contraste, a metáfora e os outros tropos são sentidos impróprios ou figurados [...]. O termo de empréstimo, tomado em seu sentido figurado, é substituído a uma palavra ausente [...]. Entre o sentido figurado do termo de empréstimo e o sentido próprio da palavra ausente [...] existe uma *razão* de transposição.

Sabendo que as metáforas são recursos que ampliam o significado, em Ricoeur (2000) percebemos que o autor se refere à distinção entre um sentido literal e um

impróprio (figurado). Assim, identificar uma metáfora implica reconhecer o significado literal de um termo, associando-a diretamente à classe ou à espécie a que se refere.

Além disso, procedemos à análise à luz da perspectiva dialógica, considerando que os comentários também são enunciados pois, conforme Bakhtin (2016), um enunciado deve ser estudado enquanto unidade real da comunicação verbal. Por isso, o discurso sempre se adapta à estrutura do enunciado que provém do sujeito que fala, não podendo existir fora dessa estrutura. Independentemente do volume, conteúdo ou composição, os enunciados sempre demonstram características estruturais comuns e, principalmente, limites bem definidos como unidades da comunicação verbal. As fronteiras do enunciado, entendido como uma unidade de comunicação verbal, são definidas pela alternância entre sujeitos falantes ou interlocutores.

Dessa maneira, afirmamos que o enunciado é um lugar de alteridade, fazendo parte de um grande diálogo, prevendo indispensavelmente seu locutor e seu interlocutor, bem como as posições que esses assumem ideologicamente.

No próximo capítulo, trataremos a análise baseada no aporte teórico e nos dois enunciados selecionados, analisando as interações que surgiram nos comentários manifestados a partir dos dois discursos após as repercussões na mídia.

4 DE ONDE VEM O TIRO? UMA ANÁLISE SOBRE INTERAÇÕES ON-LINE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, iniciamos com os procedimentos metodológicos e, na sequência, apresentamos a análise de comentários na rede social Facebook, com o objetivo de compreender as diferentes interpretações textuais que permeiam o contexto das redes sociais. À luz dos conceitos que trouxemos para entender o uso da metáfora na linguagem e do que nos ajuda a compreender sobre o discurso, a interação e o dialogismo, buscamos identificar quais são as possíveis perspectivas de sentido presentes nas interações on-line.

Após a seção metodológica, contextualizamos a origem dos comentários, situando-os no contexto de produção. Por tratarmos de dois enunciados que foram debatidos na internet de forma polêmica e por terem sido concebidos como referências à violência, cabe entendermos quais razões levam a tais interpretações e o que realmente é aceitável socialmente.

Portanto, os dois enunciados, “processo e bala” e “que tiro foi esse”, respectivamente, são trazidos sequencialmente para que possamos observá-los a partir das reflexões já feitas anteriormente enquanto orientação metodológica. A partir desses enunciados motivadores, chegaremos ao objeto de análise neste capítulo, que são os comentários derivados desses enunciados.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na intenção de unir o estudo teórico ao *corpus* selecionado para nosso trabalho, apresentaremos nesta seção os principais motivadores de nossa pesquisa relacionados a cada categoria teórica.

Este estudo surgiu através das mídias digitais, local que, diariamente, podemos ter acesso a diversos tipos de discursos e diferentes opiniões e pontos de vista sobre qualquer tipo de assunto. Nesse ambiente, um dos assuntos que nos chamou a atenção foi sobre como a linguagem figurada tem sido utilizada para a transferência de significados quando assim convém. Por se tratarem de fatos cotidianos e observando a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre as questões que envolvem linguagem e discurso, recorreremos à filosofia de Ricoeur

(2000), ao enfoque cognitivista da metáfora dado por Lakoff e Johnson (1980) e aos estudos sobre linguagem e interação de Bakhtin (2010, 2016) e Volóchinov (2018).

Com base em seus objetivos, essa pesquisa é descritiva, bibliográfica e qualitativa. Dessa forma, fazemos uma análise do discurso, valendo-nos do método dialético, uma vez que voltamos nosso olhar aos enunciados tomando-os em relação com as teorias que sustentam o estudo. Utilizamos o método qualitativo para a compreensão, interpretação e uma conclusão dos dados observados, focando em compreender subjetividades e complexidades em cada fenômeno comunicativo. Assim, para a análise e apresentação do *corpus*, buscamos uma definição para o conceito de metáfora e como esta se evidencia na linguagem cotidiana, os processos comunicativos, e as relações entre os conceitos de gênero, dialogismo e entonação.

O procedimento técnico bibliográfico foi adotado entendendo que, de acordo com Gil (2002, p. 45), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Ou seja, tal pesquisa nos permite conhecer situações e informações das quais possivelmente não teríamos acesso por conta própria. Com isso, pudemos selecionar dois enunciados, de dois diferentes gêneros, com diferentes locutores e interlocutores, com o intuito de analisá-los sob teorias da filosofia e da linguística, buscando verificar elementos próprios das interações discursivas, como as estratégias linguísticas, a identificação dos sujeitos que produziram os enunciados e os efeitos de sentido identificáveis em cada interação depreendida dos comentários do Facebook.

O estudo do *corpus* se dá através de excertos de dois gêneros diferentes, sendo uma música e uma mensagem via *direct* da rede social Instagram. A partir dos dois gêneros, que respectivamente usam os termos “tiro” no enunciado “que tiro foi esse” e “bala” no enunciado “vc tem 24h pra retirar seu conteúdo sobre mim. Dps disso processo ou bala. Vc escolhe.”, selecionamos cinco comentários em cada enunciado de distintos grupos sociais, coletados na rede social Facebook e que repercutiram como polêmicas entre o público em geral pela escolha e uso das duas palavras cujas interpretações podem remeter à violência.

Sendo assim, entendemos que ambos enunciados contêm escolhas lexicais cujos sentidos não podem ser entendidos em seu sentido literal, ou seja, apropriam-se de metáforas para elucidar a mensagem a ser transmitida. Nesse sentido, a teoria cognitivista de Lakoff e Johnson (1980) é utilizada por tratar das questões que

envolvem o uso da metáfora para além de uma linguagem figurada, pois visa as representações mentais e as demais informações que podem ser identificadas através da escolha de cada metáfora na comunicação.

Por sua vez, nos estudos bakhtinianos, os conceitos de gênero, dialogismo e entonação são trazidos a fim de esclarecer como se dão os sentidos em diferentes interações com diferentes sujeitos e na verificação dos motivos que resultam nos apontamentos do público que recebe os enunciados como uma mensagem que pode fazer referência a uma linguagem violenta. Dessa forma, vemos como os sujeitos enunciam a partir de suas próprias vivências e de seus lugares na sociedade.

A análise dos comentários selecionados se dá a partir do conceito de responsividade, entendendo que todo enunciado gera respostas ativas e responsivas, motivo pelo qual é permitido que o interlocutor possa compreender plenamente o enunciado, além de poder o recriar e até completar seu sentido. Tal análise nos serve para ratificar ou contestar os sentidos afirmados pelos locutores dos enunciados que contém a palavra “bala” e “tiro”.

4.2. DEPOIS DISSO, É PROCESSO OU BALA, VOCÊ ESCOLHE - A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO

O primeiro enunciado motivador desta pesquisa foi um fato ocorrido em fevereiro de 2023, quando a atriz Livia La Gatto publicou um vídeo paródia em seu perfil do Instagram, satirizando falas reproduzidas por integrantes do movimento Red Pill³ na internet. O conteúdo do vídeo ironiza, principalmente, as falas de Thiago Schutz em um *podcast*, quando esse aconselha os ouvintes sobre como os homens devem agir em primeiros encontros com mulheres. Parte do conteúdo desse vídeo viralizou e se tornou um meme⁴: o exemplo que o influenciador usou para aludir à

³ O termo nascido nos últimos anos faz referência à pílula vermelha do filme Matrix, em que os personagens escolhem entre enfrentar a verdade do mundo ou permanecer na realidade comum tomando a pílula azul. Na internet, o grupo nasceu no site de comunidades de fóruns Reddit, com discussões sobre as estratégias masculinas para se relacionar com mulheres, dividindo os participantes entre ‘machos alfa e beta’. Fonte: Band. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/redpill-saiba-o-que-significa-termo-usado-por-coach-que-ameacou-humorista-16585486>. Acesso em: 21 jul. 2024.

⁴ Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Fonte: Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br>. Acesso em: 07 abr. 2024.

situação do encontro. Desse modo, este é o trecho da fala em que o palestrante aconselhou:

[...] O melhor exercício que o cara pode fazer é, literalmente, é ele começar a impor mais as vontades dele. Resumindo bem, né? Eu tomando meu Campari e a mina tomando uma breja. Ah, mas se eu pegar uma breja pra você, cê toma comigo? Eu falei: ah, mano, não vou tomar agora, tô tomando meu Campari. Pô, mas cê não toma comigo? Falei: mano, eu não tomo, entendeu? Então, a mulher tem muito essa coisa assim de tentar moldar o cara, tentar colocar o cara debaixo dela. [...] (Buteco podcast, 2023).

Após a publicação do vídeo nas redes, muitas pessoas ironizaram, em comentários e vídeo resposta, as falas do influenciador. Com isso, a repercussão fez o vídeo viralizar⁵ e o fato também deixou o *coach* conhecido como o Calvo do Campari, apelido dado por mulheres que reagiram ao caso.

Sem citar o nome do coach, Lívia posta dois vídeos em suas redes sociais, um deles intitulado “Saiu o curso, molieres”, parodiando o conteúdo do *podcast* que o influenciador gravou e citando em sua fala “um *date*⁶, um Campari e uma ‘breja’”. Nesse vídeo, Lívia veste uma camisa estampada colorida, usa um filtro que a deixa careca e de barba. Ela ainda forja um sotaque paulista, que remete à aparência e a voz do coach. Lívia também imita um microfone, como o utilizado nas gravações de *podcast*, usando um desodorante e uma peneira, unidos por uma fita adesiva. A personagem avisa que resolveu fazer um curso para ensinar como as mulheres de valor devem se comportar para conquistar seus “alecrinos douraders⁷”. Além da aparência entre as falas que podem ser consideradas sátiras ao que o *coach* disse anteriormente, destacamos os enunciados que mencionam “nosso drink predileto” e “guerreiro Campa”.

Contudo, na madrugada posterior à publicação do vídeo, Lívia recebeu ligações e áudios do coach, que também enviou a ela, em mensagem privada (*direct*) de uma rede social, a mensagem: “vc tem 24h pra retirar seu conteúdo sobre mim. Dps disso processo ou bala. Vc escolhe”. A Figura 2 foi compartilhada pela atriz, de seu próprio

⁵ Expressão utilizada para falar sobre algo muito visto ou compartilhado por muitas pessoas, especialmente nas redes sociais.

⁶ O termo *date* é uma palavra da língua inglesa usada nas redes sociais e significa o mesmo que encontro romântico.

⁷ A expressão “alecrinos douraders” é uma derivação de “alecrim dourado”, planta conhecida e popularizada a partir de uma música brasileira com esse nome. Na canção, menciona-se que o alecrim nasceu no campo sem ser semeado, por isso, o meme referencia uma pessoa que se considera exclusiva, perfeita ou única.

direct em sua página do Instagram, e é a imagem que foi vinculada à diversas reportagens em jornais brasileiros.

Figura 2 – Mensagem à Lívia La Gatto



Foto: acervo da pesquisadora (2024)

Após a atriz expor a mensagem, alegando que a palavra “bala” foi usada para ameaçá-la de morte, ela decidiu denunciar o caso à polícia, solicitando medida protetiva. Com isso, o caso ganhou maiores proporções e se tornou matéria para jornais de televisão de emissoras conhecidas nacionalmente, como Band e Rede Globo, e em diversos sites, entre eles Uol, Estadão, Folha de São Paulo e CNN.

Em virtude de ser mencionado nessas mídias e ter suas ações expostas, o influenciador postou um vídeo em suas redes sociais e justificou a escolha da palavra “bala”, explicando que costuma usar gírias ao se comunicar e que o sentido da palavra estaria atrelado ao intuito de resolver a situação. O material postado foi gravado por um celular, utilizando a câmera frontal com o dispositivo na posição vertical. Ele aparece em primeiro plano, não expondo quaisquer outros elementos visuais ao fundo, a não ser uma parede branca; suas vestimentas são um terno bege disposto de forma desalinhada sobre uma camisa branca amassada e com os primeiros botões abertos.

Em 3 minutos e 59 segundos, Thiago busca esclarecer porque usou as palavras “processo ou bala” ao enviar mensagem à Lívia. Na tela, há uma mensagem com fonte em branco e fundo preto e a legenda é “Pronunciamento oficial sobre as repercussões dos últimos dias”.

No início do material, o coach informa que seu vídeo estará publicado em suas principais plataformas digitais, mas o material na íntegra e no momento da análise

para esta pesquisa, foi localizado somente no site da emissora Band. Assim, no decorrer publicação, o influenciador explica que foi muito mal interpretado, que a palavra “bala” não foi usada no sentido literal, pois sua forma de se comunicar é utilizando muitas gírias e palavrões. Além disso, afirma que tem 34 anos e nenhuma passagem policial, tampouco possui porte de armas, não participa de grupo de tiro e nunca seria capaz de dar um tiro ou de ferir alguém. Ele também menciona que, ao ser questionado a respeito do motivo que o fez enviar tal mensagem, sua resposta foi a de que sua ação foi emocional, pois enviou-a no momento em que estava sentindo raiva.

Entre as diversas mídias que repercutiram o acontecido, para compor o *corpus* desta pesquisa, utilizamos os comentários publicados após a veiculação do conteúdo do jornal Fala Brasil, da emissora Record, postado na página do jornal na rede social Facebook, no dia 28 de fevereiro de 2023⁸. O conteúdo do vídeo é uma reportagem de 3 minutos e 26 segundos sobre quem é Thiago Schutz e a descrição do fato ocorrido com a atriz Livia La Gatto. Essa postagem teve, até a data deste estudo, 569 mil visualizações e 4,8 mil comentários, dos quais selecionamos cinco para esta análise.

4.3 QUE TIRO FOI ESSE? AS INTERAÇÕES ALÉM DA MÚSICA

O segundo enunciado que motivou a pesquisa é de autoria de Jordana Gleise de Jesus Menezes, mais conhecida como Jojo Todynho ou Jojo Maronttinni. É importante saber que ela é uma cantora brasileira do gênero Funk Carioca que ficou conhecida no Brasil pela canção “Que tiro foi esse”, lançada em 2020, e que por ter viralizado, pessoas de diferentes gêneros e classes sociais puderam acessar rapidamente o trabalho da cantora.

Nas redes sociais, vários famosos utilizaram a música para gravar vídeos em que caíam ao chão, imitando a queda de quem leva um tiro e, logo em seguida, levantavam-se dançando e rindo. A gíria “que tiro foi esse”, até então, utilizada pelo

⁸ No dia 09 de novembro de 2023, a justiça de São Paulo suspendeu o processo contra Thiago, mesmo reconhecendo a ameaça contra Livia La Gatto. Assim, "O Ministério Público sugeriu a suspensão, pois entendeu que isso era o suficiente, ainda como punição e lição, para ele não cometer mais crimes". Fonte: Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/justica-suspende-processo-contra-thiago-schutz-mesmo-reconhecendo-ameaca,14a1390a3af96ae270e12d550eb17f0ejhdzq954.html>. Acesso em: 30 jul. 2024.

público LGBTQIA+⁹, tornou-se uma expressão conhecida nas redes, na qual memes foram criados, causando diversas reações dos internautas.

Na música, popularizada principalmente na internet, a palavra “tiro” também deu lugar à polêmicas por gerar uma possível conotação violenta. Entre as pessoas que demonstraram não concordar com o uso indiscriminado da palavra, deu-se a justificativa de que o termo poderia fazer apologia a contextos violentos e à normalização de situações negativas que realmente acontecem no Brasil.

Antes de olharmos especificamente para essas reações, é importante observarmos o enunciado onde encontramos a palavra “tiro”, como podemos observar na letra da música, de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1 - Letra da música Que tiro foi esse

Que Tiro Foi Esse Jojo Maronttinni
Que tiro foi esse?
Que tiro foi esse que tá um arraso?!
Que tiro foi esse?
Que tiro foi esse que tá um arraso?!
Que tiro foi esse, viado?
Que tiro foi esse que tá um arraso?!
Que tiro foi esse, viado?
Que tiro foi esse que tá um arraso?!
Samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Vai, samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Quer causar, a gente causa
Quer sambar, a gente pisa!
Quer causar, a gente causa
Quem olha o nosso bonde, pira
Quer causar, a gente causa
Quer sambar, a gente pisa!
Quer causar, a gente causa
Quem olha o nosso bonde, pira

⁹ Sigla utilizada em referência a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

Então samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Vai, samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Que tiro foi esse, viado?
Que tiro foi esse que tá um arraso?!
Que tiro foi esse, viado?
Que tiro foi esse que tá um arraso?!
Samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Vai, samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Quer causar, a gente causa
Quer sambar, a gente pisa
Quer causar, a gente causa
Quem olha o nosso bonde, pira
Quer causar, a gente causa
Quer sambar, a gente pisa!
Quer causar, a gente causa
Quem olha o nosso bonde, pira
Então samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas
Vai, samba
Na cara da inimiga
Vai, samba
Desfila com as amigas

Fonte: Letras [2024]

À medida que famosos foram gravando vídeos de humor com a música, outras personalidades também se manifestaram repudiando as encenações que simulavam um tiro real. Sendo assim, a publicação da atriz Rafaella Brites em seu Instagram, no dia 16 de janeiro de 2018, ilustra esse posicionamento de reprovação, conforme a Figura 3.

Figura 3 - Publicação de Rafaella Brites

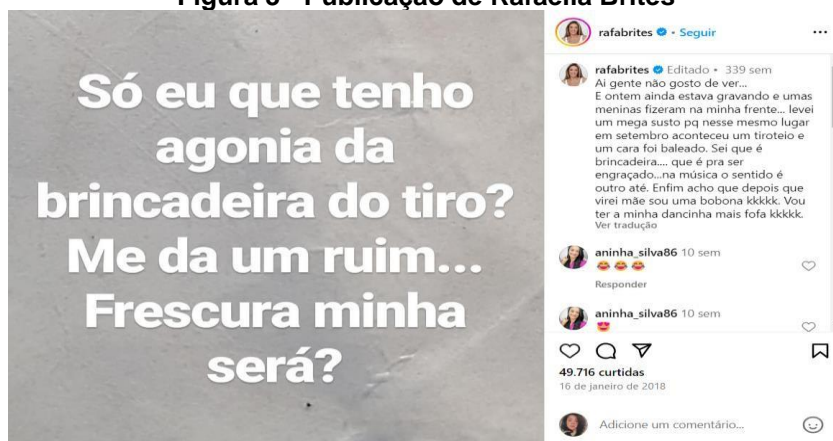


Foto: acervo da pesquisadora (2024)

Sendo assim, entre seus argumentos, a atriz explica que entende a brincadeira, mas que, para ela, não tem graça e causa medo. No mesmo dia da postagem de Rafaella, tendo acesso a essa e outras críticas, Jojo postou um vídeo para desabafar sobre a polêmica envolvendo sua música e o vocabulário que utiliza. O vídeo, que traz as falas descritas em seguida, foi postado inicialmente nas páginas de Jojo, mas removido posteriormente. Após 6 anos, só conseguimos encontrá-lo na página *Olha só kiridinha*, do Facebook, o qual tem duração de 1 minuto e foi postado no dia 16 de janeiro de 2018. Entre suas falas, a cantora externaliza:

[...] Vamos parar de gracinha? Primeiramente, não fale o que você não viveu dentro de uma comunidade. Eu jamais faria uma música incitando, incentivando a violência. Aprenda a traduzir as coisas. Todo mundo sabe que a música 'Que tiro foi esse' é aquela coisa: caralho, essa roupa está linda, que tiro. Desmaiei. Está lindo esse cabelo, tá um baque essa maquiagem, que é a fala das minhas gays maravilhosas. Então, não abre a boca, amor, para falar besteira. Não abra a boca pra falar o que não sabe [...] (Olha só kiridinha, 2018).

O vídeo de Jojo, nessa publicação, teve aproximadamente 433 mil visualizações e mais de 1,7 mil comentários, dos quais usaremos cinco como *corpus* desta pesquisa. Na época, a canção chegou a ser proibida no estado nordestino Alagoas¹⁰, a decisão foi tomada a pedido da polícia, em reunião com representantes das festas na cidade, com a justificativa da proibição de músicas com conteúdo sexual explícito e violento.

¹⁰ Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/que-tiro-foi-esse-e-proibida-pela-prefeitura-no-carnaval-de-joaquim-gomes-al.ghtml>. Acesso em: 02 ago. 2024.

Analisaremos, a seguir, 10 comentários, sendo cinco derivados do texto motivador “vc tem 24h pra retirar seu conteúdo sobre mim. Dps disso processo ou bala. Vc escolhe.” decorrentes da repercussão do envio da mensagem privada do influenciador digital Thiago Schultz à atriz Livia La Gatto e cinco decorrentes da referência à música de Jojo Todynho “Que tiro foi esse”.

Na sequência, na intenção de analisar as concepções adjacentes das interações digitais dos enunciados selecionados e entendendo que a língua em uso resulta de gêneros discursivos, nos interessamos pelo gênero comentário na rede social Facebook, reconhecendo-o como atividade discursiva, pressupondo que o sujeito é um participante ativo do discurso.

4.4 COMENTÁRIOS E INTERAÇÕES DERIVADOS DE “PROCESSO OU BALA”

É sabido que o sentido não é algo a ser analisado de forma individual, pois a palavra não está isolada, ela serve ao autor como mensagem ao interlocutor, que precisa compartilhar da mesma avaliação da situação social, ou seja, o estudo do enunciado alheio deve abranger o contexto de sua transmissão.

No dicionário Michaelis on-line, encontramos a seguinte definição para o conceito da palavra “bala”, segundo o Quadro 2.

Quadro 2 - “Bala” no dicionário Michaelis on-line

bala
ba·la
sf
1 Projétil metálico, esférico ou oblongo, para arma de fogo.
2 por ext Conjunto formado pelo cartucho e pela bala.
3 Pequena guloseima de consistência firme, feita com açúcar, ao qual se acrescentam outras substâncias, corantes e essências de sabores diversos; caramelo.
4 Pacote grande e pesado, atado com cordéis; fardo.
5 Fardo de papel equivalente a dez resmas, ou 5 mil folhas.

Fonte: Michaelis [2024a]

Sabemos que o significado das palavras não se encontra na letra morta do dicionário, mas entra em contato com a vida, nos enunciados, no discurso. Observamos que, ao empregar o termo “bala” no enunciado: “vc tem 24h pra retirar

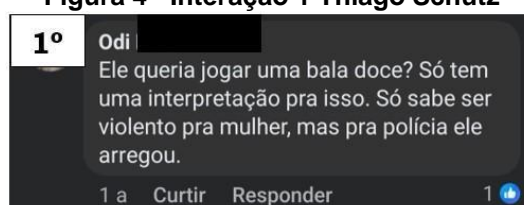
seu conteúdo sobre mim. Dps disso processo ou bala. Vc escolhe”, o influenciador constrói um sentido, que identificamos como de ameaça, pois anuncia: “Processo ou bala”. Após a repercussão negativa do conteúdo desse enunciado e, provavelmente, temendo punição civil e midiática, o influenciador tenta justificar o uso dessa palavra, modificando o sentido.

Ocorre que, conforme vimos em Bakhtin, o texto se torna discurso quando ganha autor, momento em que constrói relações dialógicas com outros discursos. Assim, levando em consideração a justificativa do influenciador, quando afirma que “bala” não é ameaça, entendemos que os sentidos atribuídos são avaliados socialmente, não podendo ser construídos individualmente. Entendemos que, ainda que a palavra carregue consigo aquilo que não foi dito, são as avaliações que determinam a escolha do autor, não a sua própria relação com a palavra.

Dessa forma, são os sentidos atribuídos à palavra coletivamente que importam, sendo imprescindível a concordância entre locutor e interlocutor, compartilhando de uma mesma compreensão acerca do sentido da palavra e o que ela representa para ambos. Isto é, para que a comunicação seja eficaz, os envolvidos precisam ter um entendimento comum sobre o que a palavra significa.

A partir destas reflexões, veremos, sob o viés dialógico, como podemos compreender cada um dos cinco comentários e quais são as possibilidades de sentido em cada um deles. A Figura 4 ilustra o primeiro comentário.

Figura 4 - Interação 1 Thiago Schutz



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Conforme vimos anteriormente, o influenciador digital ameaçou a atriz através de uma mensagem privada. Tanto é que iniciou a mensagem de forma direta, sem um cumprimento inicial e sem cordialidade característica entre interlocutores que não se conhecem. A forma como o texto foi construído foi de ordem: “Vc tem 24h para retirar seu conteúdo sobre mim. Dps disso processo ou bala. Vc escolhe”.

Na Figura 4, observamos que o locutor inicia seu comentário com uma pergunta retórica: “Ele queria jogar uma bala doce?”. Na sequência, justifica dizendo “Só tem uma interpretação pra isso”, revelando sua compreensão de “bala”, no contexto em

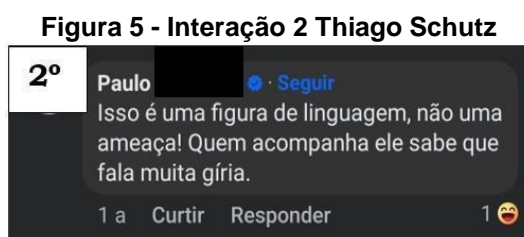
que foi usada, somente como projétil de arma de fogo. Conclui, ratificando o sentido de ameaça, ao reconhecer que o discurso direcionado à atriz foi violento e refutando a justificativa presente na notícia no site da Band, em que o coach afirma que “bala” tem o mesmo sentido de “bóra”. Para o locutor, essa justificativa demonstra que o influenciador só mudou de posição porque ficou com medo de ser punido, pois “Só sabe ser violento pra mulher, mas pra polícia ele arregou”. O locutor desse comentário não reconhece, portanto, outro sentido para a palavra bala que não o de projétil de arma de fogo. Ratifica, portanto o sentido de ameaça, como é possível perceber, a partir de indícios textuais e pelo próprio conteúdo da postagem.

O comentário acima dirige-se aos interlocutores, os internautas que deverão responder ou refletir sobre o questionamento do locutor sobre o tipo de bala a que o coach se refere. Nessa alteridade, busca construir um sentido diferente do sentido defendido pelo influenciador digital na notícia veiculada, sentido esse apropriado a partir da vivência de quem percebe a situação de onde surgiu o enunciado “processo ou bala”, no caso, a interação entre Livia e Thiago.

Dialogicamente, a partir de Bakhtin (2016), entendemos que na pergunta “ele queria jogar uma bala doce?”, o enunciado do locutor estabelece uma relação de interação e troca entre os participantes da comunicação, criando um diálogo, suscitando respostas e provocando reflexões sobre o real sentido da palavra em questão.

Percebemos, assim, que há uma tentativa de demonstrar inconsistências no argumento de que “bala” não tem um sentido negativo. Para tal situação, a ironia, enquanto estratégia discursiva, identificada na entonação expressiva do locutor sugere que não há relação aceitável para que a palavra “bala” seja compreendida como um doce, por exemplo, e, assim, reforça a conotação de violência, afirmando que só há uma interpretação possível, fato que reforça sua afinidade com o sentido de ameaça.

A Figura 5 apresenta a segunda interação selecionada nos comentários.



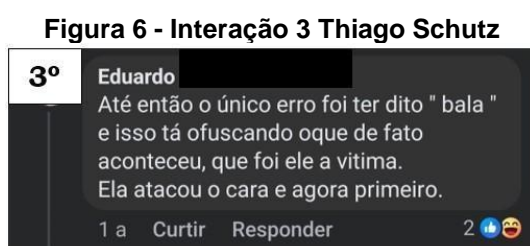
Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

O locutor do segundo comentário, na Figura 5, demonstra conhecer e acompanhar o trabalho do influenciador digital, defendendo a mesma posição do conselheiro e reafirmando a justificativa de uso de uma figura de linguagem. Nesse contexto, percebemos que, a partir de uma entonação afirmativa, busca explicar a escolha do influenciador, enfatizando que a expressão empregada é uma metáfora e não um aviso de morte, em uma clara posição de defesa do guru, porém sem atribuir qualquer outro sentido ao enunciado de origem junto à sua justificativa.

É perceptível que, nesse comentário, o locutor leva em consideração os conhecimentos prévios dos outros interlocutores que também acompanham o conselheiro. Ou seja, afirma que quem acompanha os conteúdos do influenciador sabe que ele tem por hábito usar gírias na comunicação, justificando a ideia de uma expressão apenas conotativa.

Da mesma forma, o locutor busca introduzir, para quem não conhece o coach, uma nova informação, a fim de sustentar a argumentação de seu discurso. Assim, em um processo de assimilação, explicado por Bakhtin (2016), o locutor produz uma compreensão responsiva do enunciado determinada pelos sentidos já construídos anteriormente à postagem, o que interfere na recepção e compreensão de “processo ou bala”. Dessa forma, o enunciado de origem (processo ou bala) é retomado e avaliado a partir da compreensão responsiva anterior aos fatos da situação que a gerou.

A Figura 6 esclarece o terceiro comentário selecionado.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

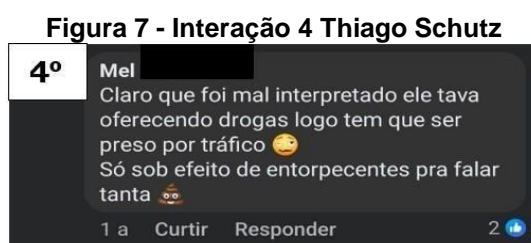
No terceiro comentário, na Figura 6, o locutor começa seu discurso afirmando que entende que o único erro do influenciador foi ter usado a palavra “bala”, fato que nos faz acreditar que o próprio locutor, talvez sem perceber, reconhece um sentido implícito da palavra. Também, em clara posição de defesa do influenciador, vemos que o locutor inverte a posição entre quem foi ameaçado e quem foi a vítima,

desconsiderando, assim, o gênero humorístico do vídeo paródia produzido por Lívia La Gatto, o qual é considerado pelo locutor como um ataque. Por isso, menciona que “foi ele a vítima”, dando a entender que o foco no influenciador foi perdido quando o tema da discussão passou a ser a palavra “bala” e não os possíveis danos sofridos pelo coach.

A entonação expressiva, conforme Bakhtin (2016), é percebida quando o locutor começa sua segunda frase com “ela atacou”, enfatizando o papel de vítima do influenciador, atribuindo a responsabilidade da ameaça à atriz. Isso porque o vídeo da atriz é compreendido por ele como um ataque, pois, como sabemos, na produção de sentidos, os enunciados objetivam-se responsivamente na própria materialidade discursiva, permitindo, então, que o interlocutor expresse sua própria posição responsiva, como faz o autor do comentário.

Ao que vemos, o locutor consegue compreender que a palavra “bala” usada pelo influenciador o desfavorece, enquanto acusado de ameaçar Lívia de morte, tanto que afirma que “o único erro foi ter dito ‘bala’”. Mesmo assim, busca defender o coach, sustentando a ideia de que Lívia atacou e o influenciador apenas se defendeu.

A Figura 7 ilustra outra interação nos comentários.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

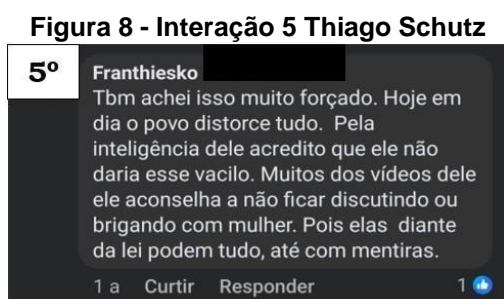
No quarto comentário, conforme Figura 7, a locutora apresenta uma diferente compreensão, atribuindo um novo sentido à palavra “bala” nas discussões on-line.

Socialmente, é reconhecível que há um contexto em que a palavra “bala” é utilizada como gíria para se referir às drogas psicoativas. Esse contexto social é recuperado pela locutora para entender o enunciado de outra pessoa e se orientar em relação a ele, assim encontra o contexto correspondente - no qual “bala” significa “droga” - que o direciona ao significado, local em que a metáfora se adequa ao uso cotidiano, tornando-se uma gíria que facilita a comunicação do grupo social que a utiliza. Basicamente, o que a autora faz é construir um discurso que argumente de forma que reforce que a explicação do influenciador é inapropriada e infundada,

citando de forma irônica que o conselheiro deveria estar sob o efeito de entorpecentes ao gravar seu pronunciamento oficial.

Nesse comentário, entendemos que a entonação expressiva, conceito de Bakhtin (2016), encontra-se na palavra “claro”, na frase “claro que foi mal interpretado”. Ao que nos parece, tal palavra indica que a locutora está utilizando o recurso de ironia para dizer o contrário do que está escrito. Tudo isso para contrapor a justificativa de que “bala” não foi usada em seu sentido literal.

A Figura 8 apresenta a última interação selecionada derivada da publicação da notícia que reproduz o pronunciamento do coach.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

O locutor 5, na Figura 8, começa seu enunciado com a frase “tbm achei”, demonstrando que há mais pessoas com o mesmo posicionamento que o seu. Para ele, decidir ameaçar Livia seria um erro que o influenciador não seria capaz de cometer. Assim, demonstra que o considera uma pessoa muito inteligente para cometer vacilos e ameaçar mulheres.

O locutor também argumenta que “hoje em dia o povo distorce tudo”, para reforçar a ideia de que bala foi entendida de forma errada propositalmente. Em referência à temática dos conteúdos produzidos pelo coach, que propaga a ideia de que as mulheres são favorecidas socialmente porque começaram a receber atenção da mídia, proteção contra a violência e até mesmo pela ascensão do feminismo, o locutor do quinto comentário explica que o influenciador sempre aconselha que os homens não devem brigar com mulheres porque elas podem tudo diante da lei.

Observamos que se trata de um comentário de um provável seguidor do influenciador digital, que além de corroborar com o ponto de vista do coach sobre o universo feminino, parece não ter lido a ameaça enviada por mensagem privada à atriz, pois afirma: “Pela inteligência dele acredito que ele não daria esse vacilo”.

Na sequência, seguiremos com a análise dos cinco comentários que selecionamos para o enunciado “que tiro foi esse”, derivados da postagem na página *Olha só kiridinha*, em que Jojo se defende das acusações e explica o uso da palavra “tiro”.

4.5 AS INTERAÇÕES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA PALAVRA “TIRO”

Na publicação em que o vídeo de Jojo Todynho é postado, buscamos selecionar comentários que tivessem como pauta os possíveis sentidos do enunciado “que tiro foi esse”. Isso porque, como já é sabido, as redes sociais permitem que uma ampla temática seja debatida a partir de cada nova postagem. Por tratar de diferentes realidades sociais, lembramos que as metáforas são diretamente influenciadas por uma cultura específica, que impacta a forma como se percebem as dimensões físicas da realidade. Assim, o que um indivíduo considera como real é resultado tanto de sua realidade social quanto da forma como ele interpreta suas experiências no mundo físico. Portanto, entre opiniões acerca do gênero Funk Carioca, do vocabulário, da linguagem e aparência de Jojo Todynho, por exemplo, o que trazemos para esta pesquisa são aqueles comentários que, mediante a palavra “tiro”, demonstram o que cada interlocutor compreende de forma individual, mas revelando sua face dialógica.

Antes, vamos identificar o sentido da palavra “tiro” no Dicionário Michaelis on-line, conforme Quadro 3.

Quadro 3 - “Tiro” no dicionário Michaelis on-line

<p> tiro1 ti-ro sm</p> <p> 1 Ato ou efeito de atirar. 2 Carga disparada por arma de fogo: “Com a primeira salva de tiros, os condenados ficavam se contorcendo. Na segunda, já imploravam a morte” (FRI). 3 Bala ou projétil disparado de cada vez por uma arma de fogo: “Apareciam hipóteses antigas ou improváveis, sobretudo sobre a morte de JK, como a existência de uma bomba dentro do carro do acidente, ou de um atirador de elite que disparara um tiro na cabeça do motorista Geraldo Ribeiro [...]” (CA). 4 Raio de alcance de uma arma de fogo. 5 Local destinado à aprendizagem de uso de armas de fogo ou onde se treina com elas: Ela está fazendo um curso no clube de tiro. 6 Corda com que se atrela o animal ao veículo.</p>

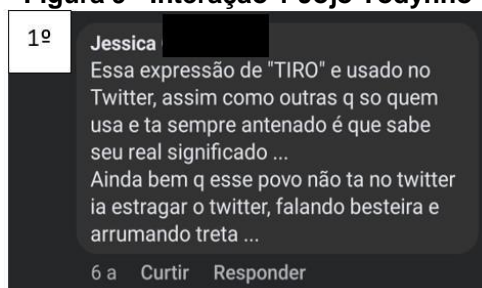
- 7 Notícia que causa grande sensação: Seu divórcio foi um tiro.
- 8 Referência picante ou com duplo sentido.
- 9 Efeito de algum sentimento mau, de algum agente pernicioso físico ou moral.
- 10 Manifestação repentina e inesperada.
- 11 Serviço de puxar carros (feito por animais): “Imaginem que desastre não foi na sua vida, a perda dos seus dois animais de tiro. Ela se verificou em condições bem lamentáveis” (LB1).
- 12 Reg (RJ) Assalto seguido de roubo.
- 13 Distância que vai ser ou foi percorrida pelo parceiro.
- 14 Fut Forte pontapé dado na bola: Ninguém conseguiu interceptar o tiro dado por aquele atacante.
- 15 Mil V tiro de guerra.

Fonte: Michaelis [2024b]

Como vemos, a palavra "tiro" possui múltiplos sentidos no dicionário, refletindo sua versatilidade no uso cotidiano da língua portuguesa. Primeiramente, "tiro" remete ao ato de disparar um projétil, podendo se referir tanto a uma ação quanto ao som produzido pelo disparo. Além disso, o termo pode derivar para sentidos mais metafóricos, como em expressões populares que indicam rapidez ou eficácia em uma ação, ou como vimos no número sete do dicionário: “notícia que causa grande sensação”. Em contextos informais, "tiro" também pode ser usado em gírias para descrever um golpe ou uma ação imprecisa, ampliando ainda mais sua gama de interpretações e usos na comunicação cotidiana. Essa multiplicidade evidencia a riqueza e o dinamismo da língua, em que um mesmo termo pode carregar diferentes nuances de significados conforme o contexto em que é empregado.

A Figura 9 apresenta o primeiro comentário selecionado.

Figura 9 - Interação 1 Jojo Todynho



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Ao observamos a Figura 9, percebemos que a locutora compreende o sentido figurado da palavra, citando que um dos lugares onde “tiro” é considerado uma expressão é na rede social Twitter (agora conhecida como “X”). Para ela, observar o

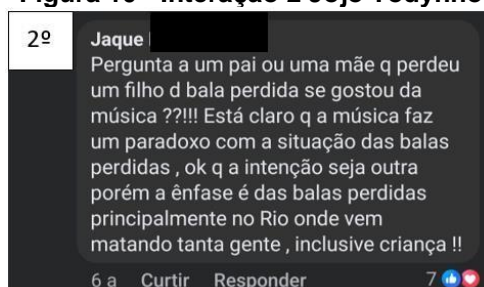
contexto contribui para a identificação do próprio sentido, pois “só quem usa e ta sempre antenado é que sabe seu real significado”, confirmando que não é possível demonstrar a significação de uma palavra isolada sem que ela seja elemento de um tema e de um contexto.

A locutora ainda explica que, além dessa expressão, existem outros termos que só podem ser compreendidos naquele espaço, como é possível ler no trecho: “Essa expressão de “TIRO” é usada no twitter, assim como outras (...)”. Por essas razões, expressa alívio por não compartilhar o mesmo ambiente de quem não pensa como ela, pois haveria muitas outras expressões que, se retiradas desse ambiente, causariam mais conflitos quanto ao significado, como é possível ler no trecho final: “Ainda bem que esse povo não ta no twitter ia estragar o twitter, falando besteira e arrumando treta”.

A partir dessas concepções de contexto e sentidos, entendemos que a locutora entende a importância da relação entre tema e sentido, visto que ela fundamenta seu argumento demonstrando que, na referida rede social, a significação das expressões está ligada à situação concreta em que acontecem os enunciados. Lembramos que, em Volóchinov (2018, p.232), “compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente”. Essa compreensão dialógica, que correlaciona e pondera as subjetividades que envolvem o uso da palavra na comunicação, permite a afirmação de que a locutora entende que a significação de “tiro” não pode ser atribuída fora da relação entre falante e ouvinte.

A Figura 10 apresenta mais uma interação.

Figura 10 - Interação 2 Jojo Todynho



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

A locutora, na Figura 10, parece não reconhecer o sentido figurado da palavra “tiro” na letra da canção, tanto que inicia o comentário indagando o possível interlocutor: “Pergunta a um pai ou mãe q perdeu um filho d bala perdida se gostou da

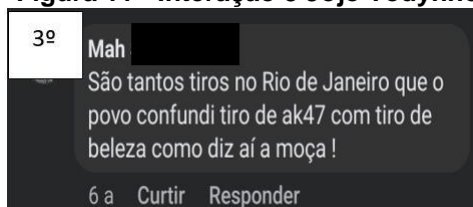
música??!!! Está claro q a música faz um paradoxo com a situação das balas perdidas (...). Nesse comentário, “tiro” assume os três primeiros sentidos descritos no dicionário, relacionados ao ato ou efeito de atirar. A construção desse sentido se distancia do sentido construído pelos apreciadores do gênero funk, que parecem reconhecer o sentido metafórico explicado pela intérprete. Em sua suposição, a locutora tenta reorganizar o contexto do enunciado, alternando os interlocutores de “que tiro foi esse” para indivíduos com outras vivências e experiências. Para ilustrar o sentido que a locutora compreende responsivamente, é necessário que a situação social seja diferente da que acontece na canção direcionada ao público LGBTQIA+. Com isso, explica que alguém que teve familiares atingidos por uma bala perdida não se sente bem ao ouvir a canção, pois o enunciado responde dialogicamente às experiências ruins de determinadas pessoas, como pode ser lido no trecho: “ok que a intenção seja outra porém a ênfase é das balas perdidas principalmente no Rio onde vem matando tanta gente, inclusive criança !!”.

Ao mencionar que entende que a intenção da cantora não seja ferir alguém, mas fazer um “paradoxo” com a situação das balas perdidas, percebemos que a locutora manifesta compreensão da possibilidade de sentidos a depender do contexto e situação em que surge a palavra. Ou seja, o que é entendido de uma maneira em um determinado contexto pode ser interpretado de forma diferente em outro.

Ainda, é possível inferir que a entonação expressiva da palavra “ok”, utilizada por ela, demonstra descontentamento e desaprovação, pois entende que usar esse vocabulário estaria aumentando e dando ênfase à violência urbana que é uma realidade no Rio de Janeiro.

A Figura 11 ilustra o terceiro comentário selecionado.

Figura 11 - Interação 3 Jojo Todynho



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

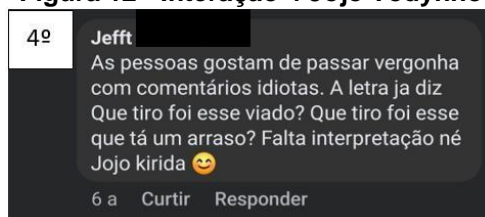
Nesse comentário, na Figura 11, a locutora começa sua frase usando as palavras “são tantos tiros”, possivelmente em referência à violência e à quantidade de tiros que são disparados no Rio de Janeiro, reconhecendo que na relação entre as

palavras “tiro” e “Rio de Janeiro” há uma intensidade negativa. Isso demonstra que a locutora, enquanto parte do público que escuta e recebe o discurso, traz suas próprias experiências e expectativas, influenciando a recepção e interpretação de “que tiro foi esse”. Dialogicamente, ela se refere à alta quantidade de tiros no Rio de Janeiro, retomando e reconhecendo o contexto de violência que acomete a cidade. Nesse caso, dando a entender, de forma irônica, que as pessoas não seriam capazes de diferenciar quando um tiro não é de verdade, já que isso é algo corriqueiro na cidade.

Expressando entonação de ironia, a autora compara o tiro de um fuzil AK47 com o tiro de beleza que a própria Jojo Todynho justifica em sua explicação pública, demonstrando que entende que consegue diferenciar os sentidos, ao contrário das pessoas que confundem.

A Figura 12 traz o penúltimo comentário relacionado à discussão.

Figura 12 - Interação 4 Jojo Todynho



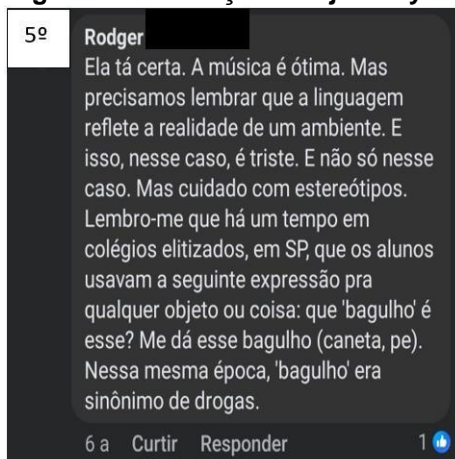
Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

No quarto comentário, na Figura 12, o locutor interage com a publicação de Jojo sobre a polêmica de “que tiro foi esse”, expondo que se opõe em relação às pessoas que questionam a escolha da palavra “tiro” na música. Ele estrutura essa opinião de oposição, criticando quem não consegue entender o mesmo sentido que ele entende, como é possível ler em: “as pessoas gostam de passar vergonha com comentários idiotas”. Ao não indicar nenhuma pessoa diretamente, podemos entender que ele não quis provocar um confronto direto, por isso usa a expressão “as pessoas”. Dessa forma, enfatiza, através da entonação expressiva de sarcasmo, que considera serem idiotas os comentários das pessoas que não sabem interpretar a letra da música.

Em sua compreensão responsiva aos discursos de quem criticou a escolha da palavra “tiro”, ele reforça o sentido explicado por Jojo Todynho em sua vivência social, retomando que a explicação é a própria letra composta pela cantora e que não interpretá-la de forma correta deveria ser motivo de vergonha, como se pode ler em: “A letra já diz Que tiro foi esse viado? Que tiro foi esse que tá um arraso?”.

A Figura 13 ilustra a última interação selecionada.

Figura 13 - Interação 5 Jojo Todynho



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

O locutor do quinto comentário, na Figura 13, começa sua resposta demonstrando que concorda com Jojo Todynho e que aprova a música quando escreve: “A música é ótima”. Ele responde dialogicamente à postagem, afirmando que a linguagem reflete o ambiente. Esse argumento também se fundamenta em Bakhtin (2010), pois, conforme visto anteriormente, a comunicação é o lugar onde o signo se materializa e isso acontece na interação verbal. Portanto, para o locutor do comentário, o que a cantora faz é retratar o ambiente em que vive, e, na concepção dele, refletindo a realidade triste da comunidade social a que pertence.

Para reforçar e exemplificar sua compreensão, menciona a expressão “bagulho”, que em épocas diferentes e um contexto elitizado tinha o significado de “coisa”, mas em outros contextos significava “droga”. Assim, também fica evidente que o locutor compreende responsivamente que cada palavra pode constituir uma rede complexa e dinâmica na qual os significados são sempre criados e recriados em um contexto de diálogo e interação.

4.6 DISCUSSÃO DA ANÁLISE

Nossa análise foi desenvolvida a fim de compreender como os sentidos, em enunciados metafóricos, são avaliados socialmente, verificando como cada indivíduo constrói seu discurso, bem como concebe o do outro, entendendo que a linguagem é

essencialmente dialógica e o lugar em que inúmeras vozes e perspectivas se encontram.

Para refletir sobre a atitude responsiva dos locutores dos comentários que trouxemos, é importante lembrar que a conexão entre metáforas e bases experienciais é fundamental para uma comunicação eficiente e para a compreensão mútua. Nesse sentido, quanto mais alinhadas forem as experiências do locutor e do interlocutor, maior será a facilidade de compreensão e assimilação das metáforas. Entendendo que as bases experienciais se referem a subconjuntos de experiências pessoais e coletivas que uma pessoa possui, percebemos que estas funcionam como fundamentos que moldam a forma como percebemos e interpretamos as informações do discurso alheio. Isso significa que cada pessoa que responde aos dois enunciados selecionados como *corpus* possui um conjunto distinto de experiências que influencia em como serão entendidas as diferentes metáforas cotidianas.

Lendo os comentários selecionados, não há como não considerar que as bases experienciais são fundamentais na interpretação das metáforas porque são elas que determinam a relevância e o impacto que essas metáforas podem ter. A partir das categorias de interação, alteridade, compreensão responsiva e entonação expressiva, observamos que cada locutor trouxe para seu comentário suas próprias concepções e suas expressões valorativas. Portanto, os autores dos enunciados utilizaram a linguagem para expressar suas opiniões como um modo de expressão valorativo que representa uma posição semântica, em algumas circunstâncias consentindo e em outras entrando em choque de forma dialógica com a perspectiva do outro - os demais interlocutores.

Aqui, também cabe lembrar que, como já vimos anteriormente, “em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas”. (Volóchinov, 2018, p. 232). Além disso, o enunciado se forma na relação entre dois indivíduos socialmente organizados, com isso, cada falante representa o grupo a que pertence e a palavra é orientada para quem é esse interlocutor, ponderando se ele é integrante ou não do mesmo grupo social.

Para Abreu (2013, p.479 - 480), os estudos do Círculo de Bakhtin contribuem com as discussões sobre o conceito de linguagem, pois, a partir destes, é possível afirmar que “a língua se concretiza em forma de enunciados orais e escritos concretos e únicos, proferidos por integrantes de diferentes campos das atividades humanas”. Além disso, “afirma-se que o sentido de um texto é construído na interação entre texto-

sujeito”. Dessa forma, fica claro que o sentido de um texto se dá na relação entre o texto e o sujeito, desconsiderando a existência de significados prévios à interação, como do público que já acompanhava o coach, refutando a noção de que o texto possui, por si só, um sentido pré-determinado.

Por isso, é possível afirmar que a forma como nos comunicamos é influenciada pela relação que temos com a pessoa com quem estamos falando. Isso inclui considerar se essa pessoa faz parte do mesmo grupo social que nós, se ocupa uma posição de maior ou menor status em relação a nós e se existe um vínculo de proximidade. Em outras palavras, a maneira como nos expressamos e escolhemos nossas palavras depende da relação que temos com quem estamos conversando. A identidade social e os laços pessoais moldam nossa forma de comunicação. Considerar esses fatores é essencial para adequar o discurso e garantir que a mensagem seja recebida da forma desejada, tudo isso adequado à afinidade e ao contexto social que estamos inseridos.

Na interação do primeiro enunciado analisado, percebemos que “processo ou bala” não pode ser dissociada de seu contexto, ou seja, desconsiderar que Lívia é a interlocutora e desempenha um papel ativo na construção do sentido da mensagem enviada pelo influenciador. Isso implica em reconhecer que o diálogo é um processo de responder e ser respondido. Portanto, o enunciado do palestrante foi influenciado por respostas anteriores - os vídeos da atriz - e, da mesma forma, carrega a expectativa de uma resposta futura, que seria Lívia se sentir coagida a fazer o que ele exigia: remover seu vídeo da internet. Essa dinâmica de expectativa e resposta é fundamental para a estrutura do diálogo e para o direcionamento da intenção do coach ao usar a palavra “bala”.

Quanto aos internautas que responderam ao acontecido com seus próprios argumentos e reafirmando a justificativa do coach, a atitude responsiva demonstra as tentativas de busca por um sentido que fosse de encontro ao sentido de ameaça. Assim, percebemos que os argumentos buscaram suscitar sentidos anteriores, ou pré-existentes à situação em que realmente foi produzido o enunciado “processo ou bala”, com interlocutores diferentes e onde o enunciado não evidenciava que os participantes da comunicação estavam em uma posição de discussão.

Socialmente, ao receber o enunciado do influenciador, os interlocutores não apenas decifraram o que estava sendo dito, mas também responderam a ele, produzindo diferentes sentidos, como visto nos comentários a partir das tentativas de

conexões que coubessem ou substituíssem o sentido de referência a um projétil de arma de fogo.

Na análise do segundo enunciado percebemos que as ideologias, experiências e culturas presentes na sociedade interferem diretamente na compreensão responsiva dos indivíduos. Essa responsividade pode ser vista de várias formas, tanto na forma de reação, quanto da crítica, quando o público reconhece o sentido que foi ressignificado pelo uso da palavra “tiro” em uma música. Além de um gênero musical, o Funk Carioca representa a comunidade em que teve origem. Nele, a expressividade está intimamente ligada à forma como a linguagem e o discurso se manifestam nas interações sociais que emergem de um grupo social específico, em que a violência é uma realidade e um acontecimento diário.

Na música, a metáfora “tiro” assume sua estrutura conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980), demonstrando suas experiências sociais, deslocando um sentido que é coletivo e compreendido pelo público com quem a cantora está interagindo - a comunidade LGBTQIA+. Para isso, reconhecer essa metáfora implica estar atento ao contexto em que “tiro” é usado como uma gíria para representar uma surpresa e em qual situação ela poderia ser considerada como uma incitação ao crime, por exemplo.

Nesse sentido, percebemos que mesmo nos comentários que repudiam o uso indiscriminado da palavra, os autores dos discursos assumem uma dupla interpretação, como se advertissem e não como se criminalizassem a cantora. Vale lembrar que, juridicamente, Jordana não foi acusada ou responsabilizada pela escolha da palavra, mas foi entendido que, em alguns contextos, esta seria inapropriada, justificativa que também foi vista entre alguns comentários que trouxemos.

Na música, a palavra “tiro” se conecta com experiências vividas e reconhecidas socialmente, tendendo a ressoar mais profundamente e a ser mais facilmente compreendida pelos internautas que interagem com a publicação. Como atributo de um gênero discursivo, a música assume a característica de organizar a comunicação com seu interlocutor em um contexto variado, levando em consideração aspectos sociais, históricos e culturais. Assim, assume sua própria convenção que é fruto do ambiente onde essa interação ocorre. Por isso, entendemos que é incabível deslocar todo esse contexto para responsabilizar a cantora de fazer apologia à violência, já que cada gênero tem uma função específica dentro da sociedade, servindo a diferentes propósitos comunicativos

Após essas reflexões, entendemos que no enunciado “processo ou bala” não há possibilidade de uma transposição de “bala” para um sentido que não seja associado à coerção ou ameaça, ainda que o locutor não tivesse arma ou a intenção de matar. Os conceitos de alteridade, responsividade, contexto sociocultural e de entonação expressiva, nos ajudam a firmar essa concepção de que a palavra não foi dita sem uma intencionalidade intimidadora.

Entre os elementos discursivos que entendemos serem relevantes em cada conceito, ressaltamos que Lívia La Gatto é mulher, tem 37 anos, é atriz e usa o gênero humor para fazer críticas sociais e políticas. Thiago Schutz é homem, tem 34 anos, autodenominado escritor, palestrante e apresentador. Integra o movimento Red Pill e seu conteúdo digital é direcionado a homens. O discurso de Lívia é uma resposta ao que Thiago fala em um podcast sobre como os homens devem agir em primeiros encontros. O discurso de Thiago é influenciado por interações anteriores e pelo contexto sarcástico em que ocorrem as paródias de suas falas.

Lívia profere seu discurso utilizando o contexto humorístico, influenciando nas características de identificação física de Thiago e satirizando falas já ditas anteriormente por ele, além de utilizar outros elementos visuais que complementam o sentido de sarcasmo. Thiago, normalmente, direciona seu discurso para o público masculino, pois vende cursos e livros de aconselhamento direcionados aos homens. Um dos seus livros menciona a importância de aprender como despertar a força masculina interior, deixar de ser bonzinho e lidar com as mulheres.

No discurso de Lívia, a entonação expressiva demonstra sarcasmo, percebido pelos elementos visuais e pela repetição das falas de Thiago. No discurso de Thiago, entende-se que a entonação revela o sentimento de raiva, que resulta em ameaça, considerando a intenção de que o vídeo, desaprovado por ele, fosse retirado das redes sociais.

Olhar para esses elementos nos ajuda a olhar para o significado além da palavra, mas também para como esta é dita, quem fala, de onde fala, sua motivação, enxergando a subjetividade dos indivíduos dessa interação e como tudo isso contribui na construção do sentido. Essa interação demonstra a multiplicidade de vozes e a responsividade que é essencial para compreensão de um enunciado. Os fatos descritos da situação em que surgem os enunciados são aspectos fundamentais para que possamos entender a articulação dos discursos, resultando em uma rede de significados e influências mútuas.

Cada voz, como pudemos ver, traz uma perspectiva única, por isso, um mesmo enunciado pode apresentar múltiplos pontos de vista que revelam a divergência entre as vozes presentes. Assim, é possível que os leitores entrem em diálogo com essas ideias diversas e se envolvam com toda essa complexidade, evidenciando não apenas suas próprias perspectivas, mas também a necessidade de compreender o discurso outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, desde o princípio, nos desafiou a ponderar, de forma crítica e analítica, temas importantes relacionados à sociedade em que estamos inseridos. Por termos decidido olhar para temas polêmicos, que representam a polarização entre determinadas culturas e ideologias, foi necessário que nos distanciássemos até mesmo de nossas próprias concepções para que pudéssemos nos aproximar de forma segura daquilo que escolhemos como base para nos guiar teoricamente.

Nossa intenção com este estudo foi demonstrar como os sentidos se alternam a depender de cada subjetividade e da intenção de cada indivíduo na comunicação. Por isso, nos propusemos a demonstrar o motivo pelo qual uma ameaça não pode ser tratada como uma metáfora, que ora designa um sentido, ora outro. Por meio das teorias trazidas, tentamos evidenciar o que faz um enunciado ser metafórico e que os sentidos só podem ser construídos coletivamente.

O problema de pesquisa partiu da busca por uma resposta que nos ajudasse a entender quais os efeitos de sentido produzidos pelo uso de metáforas em discursos que remetem à violência e, a partir desses questionamentos, tivemos clareza do objetivo de compreender esses efeitos a partir das teorias que selecionamos.

Ao selecionarmos duas correntes teóricas, que nos auxiliassem quanto às metáforas e quanto ao dialogismo, conseguimos refletir sobre como os enunciados possuem seus próprios sentidos em determinada circunstância social e histórica. Para além de uma figura de linguagem, as metáforas configuram nossa maneira e nossa forma de pensar, refletindo seu caráter multifacetado. Portanto, entendemos que cada enunciado é impregnado de heterogeneidade e influenciado por vozes e discursos diversos.

No capítulo 2, em que falamos sobre a metáfora, nos detivemos a trazer um estudo cronológico que a explicasse enquanto um conceito que transcendesse a concepção de figura de linguagem, que até hoje é ensinada nas aulas de gramática tradicional e que ainda se faz presente em aulas de língua portuguesa. Dessa forma entendemos que as metáforas fazem parte do nosso cotidiano por estruturarem nossas experiências de forma conceptual.

Na sequência, no capítulo 3, os estudos do Círculo de Bakhtin serviram como ferramenta para que pudéssemos, posteriormente, analisar os enunciados

selecionados através de um viés social e dialógico. Os conceitos de compreensão responsiva, alteridade e entonação guiaram a análise no que refere a entender quem fala, de onde fala, qual o contexto e como cada voz suscita inúmeras possibilidades de sentido. Assim, vimos que nas duas publicações as estratégias retóricas se repetem, a fim de persuadir os interlocutores e legitimar os argumentos dos locutores.

Em continuação, em nossa análise, a partir do embasamento teórico, fundamentamos nossas percepções acerca do que entendemos em cada comentário, sendo possível identificar as relações de sentido a partir do que é coletivo, e não individual. Também conseguimos, através do *corpus* escolhido para a análise, evidenciar mais do que apenas posicionamentos de afirmação ou reprovação quanto aos discursos analisados. Os comentários de “processo ou bala” revelaram, sem nos surpreender, uma postura indefensável que nos afeta enquanto mulheres, por sermos descredibilizadas mesmo quando há provas concretas de que estamos correndo perigo. Essa descredibilidade também acontece com Jojo, quando recebe rejeição de uma parcela da sociedade por cantar um gênero que é visto, em diversos âmbitos sociais, com certa “criminalização” e não como produção cultural.

Compreendemos que, no que tange às interações verbais, ainda há muitos aspectos a serem explorados, pois algumas perspectivas vistas nas interações ultrapassam o que nos propusemos a estudar. No entanto, expor alguns dos comentários, entre os milhares que foram publicados, demonstra que a linguagem expressa concepções pessoais. Embora alguns comentários não favoreçam tanto a identificação da individualidade do locutor, pela compreensão responsiva é possível mapear suas experiências, valores e percepções de mundo.

Enquanto educadora, esta pesquisa é motivo de impulso em proporcionar aos educandos um ambiente em que estes possam participar ativamente do processo de aprendizagem, contribuindo com suas próprias vozes e perspectivas. Percebemos, ao longo de nosso estudo, que os sentidos são construídos em conjunto, portanto, também não há aprendizagem sem experiência. Cabe, então, considerar que uma abordagem dialógica, em sala de aula, valoriza a interação, a diversidade de vozes e a construção coletiva do conhecimento, fatores que entendemos como aspectos fundamentais para um ensino efetivo.

Entendemos que a relevância desta pesquisa se encontra em nossa abordagem, conforme delineado pelo problema de pesquisa e o objetivo geral, que consistiu em identificar a natureza dialógica dos comentários gerados a partir dois

enunciados quando publicados na rede social Facebook, no contexto de interações verbais que provocaram controvérsia. Tais situações acontecem diariamente em nossa sociedade, mas dificilmente são materializados e registrados como nas redes sociais. Assim, é imprescindível que tenhamos condições de identificar quando a interação tenta deslegitimar minorias enquanto uma estratégia de controle ou opressão.

Para finalizar nosso estudo, ficam algumas considerações da acadêmica acerca da pesquisa realizada. Considerar as individualidades de cada indivíduo em espaços de debate é sempre um desafio. Por não ser tão fácil quanto desejamos, e nem sempre prazeroso, torna-se instigante e essencial para o progresso do tema em discussão e para o desenvolvimento pessoal daqueles que se envolvem e buscam entender as ideias do outro. Fica evidente a realização de um estudo pautado em assumir que o discurso molda percepções sociais e deve ser analisado criteriosamente, principalmente, quando coloca em risco a vida de mulheres ou quando tenta invalidar a representatividade de minorias enquanto grupos sociais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. T. T. V. Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem. *In*: SIMÕES, D. M. P. (Org.). **Semiótica, Linguística e Tecnologias de Linguagem. Homenagem a Umberto Eco**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013, p. 476-493. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Darcilia-Simoes/publication/317567974_Semiotica_Linguistica_e_Tecnologias_de_Linguagem_Homenagem_a_Umberto_Eco/links/594006f5458515546149d3b0/Semiotica-Linguistica-e-Tecnologias-de-Linguagem-Homenagem-a-Umberto-Eco.pdf. Acesso em: 04 ago. 2024.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BUTECO PODCAST. **Não vou deixar de tomar meu campari por uma mulher**. 2023, (00:51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/dmAFKy4wN4>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- FALA BRASIL. **Fala Brasil: Humorista denuncia influenciador após ameaças**. 2023, (03:26 min). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=551009773512084>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- FONTANIER, P. **Les figures du discours** (1821). Ed. Gérard Genette. Paris: Flammarion, 1977.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. 2. ed. São Paulo: Educ/Mercado de Letras, 1980.
- LAKOFF, G. **A Teoria Contemporânea da Metáfora**. Em Andrew Ortony (ed.), *Metáfora e Pensamento*. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251, 1993.
- LETRAS. **Que tiro foi esse, Jojo Maronttinni**. [2024]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jojo-maronttinni/que-tiro-foi-esse/>. Acesso em: 04 ago. 2024.
- LÍVIA LA GATTO. **Seja um Guerreiro Campa**. 2023, (01:28 min). Disponível em: <https://www.tiktok.com/@livialagatto/video/7200393214551985414>. Acesso em: 04 ago. 2024.

MICHAELIS. Bala. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. [2024a]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bala/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MICHAELIS. Tiro. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. [2024b]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tiro/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

OLHA SÓ KIRIDINHA. **Jojo Todynho desabafa sobre polêmica com sua música “Que Tiro Foi Esse?”**. 2018, (01 min). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1364028300407590>. Acesso em: 14 jan. 2024.

REDDY, M. **The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

RICOUER, Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

SANTOS, C. N. **A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social Facebook**. Rio de Janeiro. 2018. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

VÍDEOS BAND. **Coach que ameaçou atriz com “processo ou bala” diz que termo não foi literal**. 2023, (3:59 min). Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/videos/coach-que-ameacou-atriz-com-processo-ou-bala-diz-que-termo-nao-foi-litera-17143207>. Acesso em: 10 ago. 2024

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.